



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE  
PERNAMBUCO  
CAMPUS RECIFE  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE AMBIENTE, SAÚDE E SEGURANÇA  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

CARLOS ALBERTO ALVES DA SILVA JUNIOR

**TERRITORIALIDADE LGBTQIA+ NA RUA DAS NINFAS E AVENIDA MANOEL  
BORBA – RECIFE, PE**

Recife - PE

2022

CARLOS ALBERTO ALVES DA SILVA JUNIOR

**TERRITORIALIDADE LGBTQIA+ NA RUA DAS NINFAS E AVENIDA MANOEL  
BORBA – RECIFE, PE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Coordenação do curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientador: Professora Me. Clézia Braga de Aquino

Recife – PE  
2022

S586t

2022 Silva Júnior, Carlos Alberto Alves da.

Territorialidade LGBTQIA+ na rua das Ninfas e avenida Manoel Borba – Recife, PE / Carlos Alberto Alves da Silva Júnior. --- Recife: O autor, 2022.

65f. il. Color.

TCC (Curso de Licenciatura em Geografia) – Instituto Federal de Pernambuco, Departamento Acadêmico de Cursos Superiores - DACS, 2022.

Inclui Referências, apêndices e anexo.

Orientadora: Professora M.e. Clézia Aquino de Braga.

1. Geografia – território. 2. Identidade territorial. 3. LGBTQIA+. I. Título. II. Braga, Clézia Aquino de. (orientadora). III. Instituto Federal de Pernambuco.

CDD 910 (21ed.)

CARLOS ALBERTO ALVES DA SILVA JÚNIOR

**TERRITORIALIDADE LGBTQI+ NA RUA DAS NINFAS E AVENIDA MANOEL  
BORBA, RECIFE – PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – *Campus* Recife, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e **APROVADO** em 10 de fevereiro de 2022 pela Banca Examinadora:

---

Clézia Aquino de Braga (IFPE/CGEO)  
Orientadora  
Mestra em Geografia – UFPE

---

Leonardo Barboza da Costa (IFPB – Campus Campina Grande)  
Examinador Externo  
Doutor em Geografia – UFPE

---

Adauto Gomes Barbosa (IFPE/CGEO)  
Examinador Interno  
Doutor em Geografia – UFPE

Recife – PE  
2022

*Dedico a todos pertencentes a comunidade LGBTQIA+ que lutaram e lutam pela conquista dos nossos direitos.*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus por ter concedido sabedoria, paciência e persistência, que fizeram com que eu concluísse esse trabalho.

Agradeço a meus pais, Maria José e Carlos Alberto pelo máximo que fizeram por mim e terem sempre acreditado no meu potencial desde criança, por todos os conselhos e frases motivacionais. Não posso deixar de agradecer as minhas avós Marias, que sempre me guiaram até aqui, me dando força nas horas que mais precisei.

Aos meus amigos não só de ônibus, mas de mirabilândia e vida, Gisanne, Vitória Felipe, Vitória Lima, Boleta e Nírley que foram essenciais em muitos momentos, como os de distração e risadas, além de me acompanharem em vários perrengues durante a minha jornada acadêmica, ficando parados na estrada na volta da faculdade, amo vocês, sem deixar de mencionar a lendária Babi.

Obrigado aos amigos do LOL e do Simbook que trouxe da internet para a vida, sempre me incentivando e estando juntos nos momentos de felicidade e de surtos no Discord, vocês são incríveis: Lucas, Thiago, Vinicius, Betinho e Brendo, guardo vocês em um potinho.

Não poderia deixar de agradecer aos meus amigos de graduação, foi ótimo estar na presença de pessoas incríveis, vocês contribuíram muito para o meu processo de formação, vou sentir falta de todos vocês, Alice, Daniel, Gabriel, Ayrton e Fernando, o famoso quem passa direto é trem. Quero agradecer em especial a João Victor, por fazer parte de vários momentos importantes durante este período, por todos os momentos de fofoca no laguinho, e por todas conversas que tivemos obrigado pela sua amizade.

Ao meu amigo Eduardo Júnior, lendário dos doces, Eduardo Teixeira e ao meu namorado Santhiago, que me incentivaram muito nessa fase final do TCC, desde a revisão de texto, conselhos e vários momentos de distração, vocês foram e continuam sendo bastantes importantes, obrigado por serem incríveis e sempre me apoiarem.

Gostaria de agradecer ao Instituto Federal de Pernambuco pela oportunidade da graduação e projetos de pesquisa e extensão a todos os professores da

licenciatura, vocês foram essenciais para que eu chegasse até aqui, sempre aptos a tirar todas as dúvidas. Agradeço em especial a professora Ana Paula que esteve comigo nos em dois projetos de pesquisa, a professora Manuella que além de me orientar no PIBEX, me ajudou em dúvidas na confecção de mapas, e ao professor Aduino, no qual foi essencial na construção do pré-projeto do TCC, sempre disposto a ouvir minhas dúvidas.

Gostaria de agradecer a minha Orientadora Clézia, que topou orientar este trabalho, por todas correções, puxões de orelha, ligações, reuniões, obrigado por sempre me ouvir e estar disponível, e também a banca examinadora contribuindo para o aperfeiçoamento do trabalho.

Agradeço também a todos os participantes das entrevistas e questionários, vocês me possibilitaram entender como este território funciona a partir de suas vivências.

Obrigado!

*Não importa se você é gay, hétero ou bi  
Lésbica, transgênero  
Estou no caminho certo, querido  
Eu nasci para sobreviver  
Não importa se você é negro, branco ou pardo  
Hispânico ou oriental  
Estou no caminho certo, querido  
Eu nasci para ter coragem!*

*Eu sou linda do meu jeito  
Pois Deus não comete erros  
Estou no caminho certo, querido  
Eu nasci assim*

**BORN THIS WAY**

*Lady Gaga*

## RESUMO

A territorialidade LGBTQIA+ é resultado muitas vezes da exclusão feita por parte da sociedade, negligenciando esse grupo por não atenderem aos “padrões” impostos pela mesma. Esta pesquisa tem como objetivo analisar a territorialidade LGBTQIA+ localizada na Rua das Ninfas e Avenida Manoel Borba, na cidade do Recife, Pernambuco, refletindo principalmente nas possibilidades de aplicação acerca do conceito de identidade territorial e sua importância em seu fortalecimento, com as relações de afetividade. O referencial teórico baseou-se em diversos autores e pesquisadores que tratam do conceito de território, territorialidade e identidade, dentre eles estão: (HAESBAERT, 2004, 2010, 2014), (RASFETTIN, 1993), (GREEN, 2005). A investigação e análise se debruçou sobre uma metodologia de pesquisa de natureza qualitativa, com a obtenção de dados através de questionário e entrevistas semiestruturadas com frequentadores do local de pesquisa, e com um empresário. Os discursos dos entrevistados resultaram em um melhor entendimento sobre a relação deles com o território em tela, como também sua relação de identidade e conexão com o mesmo. Com a análise do discurso dos entrevistados foi possível entender a identificação com o território em tela, com as suas vivências e experiências, e uma crítica a concentração dos territórios LGBTQIA+ serem voltados apenas a essa área. Com isto, considera-se que o território dos trechos da Rua das Ninfas e Avenida Manoel Borba, são pontos de desenvolvimento de relações identitárias da comunidade LGBTQIA+ a partir da relação dos indivíduos com o território, voltado a bares e clubes; porém com uma certa mudança no público que frequenta este território no contexto pandêmico, que gerou algumas inseguranças para os membros pertencentes à comunidade, afetando a presença da comunidade LGBTQIA+ no território.

Palavras-chave: Território. Territorialidade. Identidade Territorial. LGBTQIA+. Geografia.

## ABSTRACT

LGBTQIA+ territoriality is often the result of exclusion made by society, neglecting this group for not meeting the “standards” imposed by it. This research aims to analyze the LGBTQIA+ territoriality located at Ninfas Street and Manoel Borba Avenue, in the city of Recife, Pernambuco, reflecting mainly on the possibilities of application about the concept of territorial identity and its importance in its strengthening, with affective relationships. The theoretical framework was based on several authors and researchers who deal with the concept of territory, territoriality and identity, among them are: (HAESBAERT, 2004, 2010,2014), (RASFETTIN, 1993), (GREEN, 2005). The investigation and analysis was focused on a qualitative research methodology, obtaining data through a questionnaire and semi-structured interviews with visitors to the research site, and with an businessman. The speeches of the interviewees resulted in a better understanding of their relationship with the territory in question, their identity relationship and connection with it. The analysis of the interviewees’s speeches was able to elucidate their relation with the territory in reaserch, as the their identidy relation and conection on these spots. The identification with the territory’s study, such as the experience lived by the interviwes in these locations and a critic perspective about the concentration of LGBTQIA+’s territories being restrictit to the same places was most relevant results obt eind by the analsys of their speches. Thefore, we consider the territory involving the Ninfas Street and Manoel Borba Avenue as a spot of the idendity relation development for the LGBTQIA+ community as a result of their individual relation with the territory, based on the consume in clubes and bars located in this area; however, a certain change of the public that frequent these points in the pandemic’s context caused some insecurity to the usual vistors, witch was also related by the interviewers, leading to a deacrese of the LGBTQIA+ community presence in the territory.

Keywords: Territory. territoriality. Territorial Identity. LGBTQIA+. Geography

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Localização da Rua das Ninfas e Av. Manoel Borba	26
Figura 2: Guia Gay de Recife	27
Figura 3: Rua das Ninfas e Av. Manoel Borba durante a pandemia.	33
Gráfico 1: Perfil dos frequentadores: SEXO	28
Gráfico 2: Perfil dos frequentadores: IDADE	29
Gráfico 3: Perfil dos frequentadores: ETNIA	29
Gráfico 4: Perfil dos frequentadores: IDENTIDADE DE GÊNERO	30
Gráfico 5: Perfil dos frequentadores: ORIENTAÇÃO SEXUAL	30
Gráfico 6: Relação da identificadoda comunidade LGBTQIA+ com os territórios	31
Gráfico 7: Points frequentados pela comunidade LGBTQIA+ nos territórios	32
Mapa 1: Localização residencial dos frequentadores da Rua das Ninfas e Av. Manoel Borba, na Região Metropolitana do Recife.	34
Mapa 2: Localização residencial dos frequentadores da Rua das Ninfas e Av. Manoel Borba, nos bairros da cidade do Recife.	35

## LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

ABRAT	Associação Brasileira de Turismo
GLS	Gays, Lésbicas e Simpatizantes
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IVS	Índice de Vulnerabilidade Social
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais e Outros.
MHB	Movimento Homossexual Brasileiro

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1.1</b>	<b>A problemática e os objetivos da pesquisa.....</b>	<b>15</b>
<b>1.2</b>	<b>Metodologia da pesquisa.....</b>	<b>16</b>
<b>2</b>	<b>APORTE TEÓRICO CONCEITUAL.....</b>	<b>19</b>
<b>2.1</b>	<b>A discriminação no cenário LGBTQIA+ e a formação de territórios....</b>	<b>19</b>
<b>2.2</b>	<b>Territorialidades e construção de identidades.....</b>	<b>23</b>
<b>3</b>	<b>A TERRITORIALIZAÇÃO DA COMUNIDADE LGBTQIA+ NA RUA DAS NINFAS E AV. MANOEL BORBA.....</b>	<b>26</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DAS FALAS DOS ENTREVISTADOS A PARTIR DA RELAÇÃO DE USO DO TERRITÓRIO.....</b>	<b>36</b>
<b>4.1</b>	<b>A relação da Comunidade LGBTQIA+ com a apropriação do território da Rua das Ninfas e Avenida Manoel Borba.....</b>	<b>36</b>
<b>4.2</b>	<b>O Ponto de vista do empresário entrevistado em relação ao território da Rua das Ninfas e Avenida Manoel Borba.....;</b>	<b>43</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>52</b>
	<b>APÊNDICE A – Questionário com frequentadores da Rua das Ninfas e Av. Manoel Borba.....</b>	<b>55</b>
	<b>APÊNDICE B – Entrevistas semiestruturadas com os frequentadores.....</b>	<b>57</b>
	<b>APÊNDICE C – Entrevistas semiestruturadas com os empresários.....</b>	<b>58</b>
	<b>APÊNDICE D - TERMO LIVRE SE CONSENTIMENTO.....</b>	<b>60</b>
	<b>ANEXO 1 -GRUPOS QUE COMPÕEM A COMUNIDADE LGBTQIA+.....</b>	<b>61</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Para dar início ao trabalho, é necessário fazer uma linha histórica sobre a construção do movimento LGBTQIA+, destacar as desigualdades no âmbito social e evidenciar a composição dessa comunidade no cenário atual. A comunidade LGBTQIA+, surge a partir de um movimento social, que segundo Gohn (2000) foi feito pela população em questão com o intuito de conquistar seus direitos, ganhar destaque, através de protestos e lutas, reivindicando o seu espaço e lugar na sociedade; movimentos estes com caráter sociopolítico, realizados de forma coletiva por seus integrantes, ou seja, todos lutando pela mesma causa.

Este movimento se inicia no Brasil como o Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) durante os anos 60, e a partir dos anos 70 ganha força devido a influência de movimentos internacionais semelhantes pela população LGBTQIA+ dos Estados Unidos e países da Europa Ocidental, onde segundo Santos (2018) no Brasil, esse movimento foi expandido principalmente pela imprensa voltada ao público homossexual, com a produção de panfletos contendo histórias, mostrando os fervos nos grandes centros urbanos, os guetos; contribuindo para formação de grupos de convivência e socialização.

Os indivíduos pertencentes à comunidade LGBTQIA+ na época de 60, como também nos dias de hoje, eram considerados um grupo excluído, devido ao seu jeito, sua forma de se expressar, seus gostos, o que os tornou uma minoria, tendo em vista que a maior parte da população heteronormativa tradicional os rejeitavam. Desta forma estes grupos passaram a se encontrar em bares pequenos, casas de show, levando a formação de guetos. Nestes locais eles podem mostrar seu verdadeiro “eu”, sem medo ou preconceito, encontrando pessoas parecidas, assim, criando laços de identificação.

Com o tempo, o movimento passou por várias mudanças em sua sigla, iniciando como MHB (Movimento Homossexual Brasileiro), depois GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Travestis), LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais), chegando na atual sigla LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Transgêneros, Queer, Intersex, Assexuais, etc.) que contempla várias identidades e orientações sexuais que

integram de forma mais ampla os indivíduos ainda socialmente perseguidos pela sociedade no contexto atual.

A Rua das Ninfas e Av. Manoel Borba são conhecidas por seus finais de semanas badalados, com a presença de bares e boates (Bar do Céu, Club Metrópole, Place, Conchittas, Amigos do Pop Bar, etc.) voltados ao público LGBTQIA+; é interessante analisar essas ruas em diferentes dias e horários para melhor compreensão acerca da relação da comunidade LGBTQIA+ com o território, como também se a sua frequência se dá durante todos os dias ou apenas nos finais de semanas com a vida noturna.

O espaço ligado ao território pode ser entendido de diversas formas, ele varia de acordo com os processos que envolvem as formas de produção, as relações de poder, suas identidades e sentimentos. Raffestin (1993), mostra que o território é formado a partir do espaço. Ele traz como exemplo o território nacional, uma produção feita a partir do espaço, que foi transformado pelas redes, circuitos e fluxos, onde a partir disso ocorrem as relações sociais.

É possível compreender que o território é construído a partir do espaço e é formado a partir de territorialidades com as relações de poder, comunicação e pertencimento, sendo assim, o indivíduo irá adotar e constituir sua própria identidade. O território irá aparecer a partir das relações sociais, estas relações, não se tornam definitivamente neutras e livres de tensões, concluindo que o território é produto de relações constituídas por indivíduos que estão em seu meio.

A partir dos levantamentos pôde-se observar que o território se constitui como um elemento central para a reprodução de diversos grupos sociais, incluindo a população LGBTQIA+, tendo em vista as ações mediadas destes grupos neste espaço, agindo como referência para a construção de identidades; além de possuir uma historicidade, elemento essencial à constituição do espaço.

Segundo Haesbaert (2004), essa territorialidade é formada por alguns fatores acumulados e distinguindo-se ao logo do tempo, como:

- abrigo físico, fonte de recursos materiais ou meio de produção;
- identificação ou simbolização de grupos através de referentes espaciais (a começar pela própria fronteira).
- disciplinarização ou controle através do espaço (fortalecimento da ideia de indivíduo através de espaços também individualizados);
- construção e controle de conexões e redes (fluxos, principalmente de pessoas, mercadorias e informações).

Cada ser possui uma identidade diferente da outra, podendo variar de acordo com fatores biológicos, sociais, culturais e entre outros, sendo dependente do seu meio de convivência, localização e influências. Os espaços e territórios se tornam complexos, quando os analisamos de uma mínima para uma máxima escala. A diversidade que se encontra é tamanha, podendo gerar conflitos intra e interterritoriais devido às diferenças entre os grupos sociais que integram esse território. Desta maneira a identidade passa a ser uma construção cultural, visto que é influenciada por diversos fatores.

Sendo assim, partindo do pressuposto que se existe uma identificação da comunidade LGBTQIA+ com a Rua das Ninfas e Av. Manoel Borba, como também seus bares adjacentes, espera-se como resultado a elucidação de como atualmente se apresenta a territorialidade da comunidade LGBTQIA+ nestes espaços, se aprofundando também nas relações intraterritoriais para averiguarse existem segregações dentro do próprio meio e qual o principal mecanismo de expressão dessa comunidade presente neste território.

### **1.1 A problemática e os objetivos da pesquisa**

A pesquisa tem como área de estudo o bairro da Soledade e Boa Vista, que a partir do recorte espacial é possível apontar que essa área é considerada pelas pessoas apenas como Boa Vista, visto que é o bairro central e conhecido pelo sua vida comercial formal e informal muito dinâmica, relacionada ao shopping center, escritórios, consultórios, área residencial, além de ser considerado um bairro boêmio, principalmente pela comunidade LGBTQIA+ com seus bares e clubes, que apelidaram o bairro de “boa bicha”. Vale salientar que o bairro da Boa Vista conecta a outros principalmente por ser central, e expandindo essa territorialidade para os bairros de Santo Antônio, São José, Recife e Santo Amaro, além de ser uma área usada para manifestações políticas e de ativismos sociais.

Existem vários estudos que trabalham com a comunidade LGBTQIA+ relacionando com o bairro da Boa Vista em outras áreas de atuação, como Psicologia (Santos, 2016), História (Silva, 2011), Sociologia, Direito, entre outras. Devido ausência de estudos envolvendo as relações territoriais LGBTQIA+ especificamente em Recife (Bairro da Boa Vista e Soledade, Rua das Ninfas e Av. Manoel Borba) relacionado a Geografia, houve interesse por parte do pesquisador e

orientadora em trabalhar essas relações, buscando entender de que maneira elas são desenvolvidas, ao mesmo tempo em que existe também outro ponto importante a ser desenvolvido, que é a relação de um conjunto de redes que ligam a região pesquisada a outros territórios.

Para a definição do tema e da problemática foi feito um levantamento bibliográfico, envolvendo as relações territoriais e de gênero com o intuito de entender e aprofundar objeto de pesquisa, contribuindo também com as seguintes indagações: esta territorialização se dá no bairro como um todo ou apenas em determinados pontos/rua? Existem outros pontos que ligam esses espaços? Existem conflitos e possíveis segregações? Após essas indagações partimos para a pergunta-problema, que é: como se expressa a territorialidade LGBTQIA+ no bairro da Boa Vista?

Sendo assim, este estudo tem como objetivo geral: Analisar e discutir as territorialidades LGBTQIA+ localizadas no bairro da Boa Vista e Soledade, especificamente a Rua das Ninfas e trechos da Av. Manoel Borba.

Em relação ao objetivo geral foram elaborados os objetivos específicos:

- Delimitar e caracterizar o território LGBTQIA+ na Rua das Ninfas e Av. Manoel Borba;
- Identificar os principais agentes e os respectivos papéis na conformação da territorialidade LGBTQIA+ no território sob investigação;
- Analisar a construção identitária e a territorialidade LGBTQIA+ na área em contexto, considerando obstáculos, conflitos territoriais e possíveis avanços.

## **1.2 Metodologia da pesquisa**

Para tanto, compreendemos as etapas procedimentais, observação, questionário, entrevistas semiestruturadas e as redes que se estabelecem no cotidiano de vida dessas pessoas, suas relações de identidade, e as territorialidades que envolvem a comunidade na Ruas das Ninfas e Av. Manoel Borba. Sendo assim, a Geografia contribuiu conceitualmente e significativamente na temática em foco com uma dinâmica própria que incidem na sistematização e organização dos dados obtidos neste trabalho.

Este estudo enquadra-se como uma abordagem qualitativa, visando explicar a inter-relação dinâmica entre sujeitos e fenômenos. Segundo Minayo essa (2002), a

abordagem qualitativa leva em conta a consideração de significados, sentidos, princípios, valores, hábitos, costumes e tradições são características desta pesquisa. Assim, em conformidade com a autora seguem os procedimentos metodológicos do trabalho em tela.

Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico, participativo seguido de trabalho de campo para listar os estabelecimentos/locais de relações da comunidade LGBTQIA+ com o objetivo de analisar as territorialidades LGBTQIA+ na Rua das Ninfas e Av. Manoel Borba, tendo por base as relações indentitárias associadas ao uso e apropriação do território de forma qualitativa. Devido a pandemia da COVID-19 o contato presencial com as pessoas não foi realizado, foram aplicados questionários, via GoogleForms de maneira remota, com amostra aleatória, com seguidores dos estabelecimentos da área estudada, e divulgação em plataformas digitais como o Tinder, para traçar o perfil das pessoas, por idade, gênero, orientação sexual, entre outros; os locais frequentados, se existe uma identificação pessoal com o local e em que bairro/cidade eles residem.

Foi realizado um mapeamento do recorte espacial estudado, apontando os pontos comerciais voltados ao público LGBTQIA+. A partir da obtenção dos dados de bairro/cidade dos frequentadores, foram criados dois mapas através do software *Qgis*, com os shapefiles obtidos através do banco de dados da Prefeitura do Recife e do IVS, o primeiro da RMR e o segundo da cidade do Recife, com o intuito de exibir o local de partida dessas pessoas até o ponto final (Rua das Ninfas e Av. Manoel Borba).

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, que, segundo Freitas e Prodanov (2013, p.106) são aquelas que o entrevistador segue um roteiro de perguntas planejado anteriormente. As entrevistas foram feitas com 2 públicos, o primeiro voltado as pessoas que frequentavam o local, onde 9 (nove) pessoas foram entrevistadas, com o objetivo de entender a relação deles com o território; quais points eles frequentam e o que motivou a ida a estes lugares.

O segundo público foi voltado a empresários dos estabelecimentos situados na Rua das Ninfas e Av. Manoel Borba, com o objetivo de saber os que cativou a investir nesse local e qual arelação de segurança voltada à comunidade LGBTQIA+

que frequenta os estabelecimentos, 5 (cinco) empresários foram contatados, porém apenas 1 (um) concedeu a entrevista.

As entrevistas foram gravadas através da plataforma GoogleMeets, após o consentimento dos participantes, frequentadores e empresários locais, a fim de analisar a construção indenitária e a territorialidade LGBTQIA+ na área em contexto, considerando obstáculos, conflitos territoriais e possíveis avanços.

Ribeiro (2008, p.141) trata a entrevista como:

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores.

Após a aplicação dos questionários e das entrevistas foram feitas as análises de concepção de linguagem embasada em Kock (1997), que se dividem em três pontos: como representação do mundo e do pensamento, como instrumento de comunicação e como lugar de ação de interação. A partir disso trabalhar com a realidade dos entrevistados e suas vivências, com as interações com os respectivos territórios.

Em seguida a análise do discurso embasada em Orlandi (2012), que:

através da compreensão e do entendimento das relações de inserção e de inter-ação estabelecidas do sujeito com o Contexto sócio-histórico-ideológico, ou seja, a história de cada sujeito, o papel que desempenha na sociedade, a posição social e a ideologia que permeia as relações humanas, influenciando os sujeitos a tomarem certas atitudes e não outras.

Através das respostas obtidas e da verificação da possibilidade de segregação entre os frequentadores do território, com suas experiências positivas e negativas a pesquisa partiu para a discussão e análise da territorialidade da comunidade LGBTQIA+.

O próximo capítulo será voltado ao aporte teórico conceitual, abordando a formação de territórios pela comunidade LGBTQIA+ e as territorialidades e construção de identidades.

## 2 APORTE TEÓRICO CONCEITUAL

### 2.1 A discriminação no cenário LGBTQIA+ e formação de territórios

Inicialmente é importante saber qual é o significado de território, já que se trata de um conceito da Geografia que pode ser compreendido de diferentes maneiras de acordo com vários autores. Para Raffestin (1993) o território nasce a partir da apropriação de um espaço, dessa maneira ele entra como um:

Um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. (...) o território se apóia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção a partir do espaço. (RAFFESTIN, 1993, p. 144).

Desta maneira o autor coloca o território como um resultado de um conjunto de ações realizadas por um ator ou um grupo, trabalhando o território juntamente com as relações de poder.

Segundo Milton Santos (1978) o território pode ser construído e desconstruído por relações de poder relacionando com atores, modificando esse território ao longo do tempo, além de suas limitações. Por outro lado, Santos aponta outra compreensão de território voltada à definição histórica, com uma constituição material, relacionada ao Estado-nação.

A configuração territorial é dada pelo conjunto formado pelos sistemas naturais existentes em um dado país ou numa dada área e pelos acréscimos que os homens superpuseram a esses sistemas naturais. A configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima. (Santos, 1996, p.51).

Para Souza (2013), o território vai além das relações de poder, trabalhando com o cultural, com o econômico e o simbólico, se relacionando a outras facetas da vida social:

Para tanto, o autor afirma que: Mais uma vez: o que “define” o território é, em primeiríssimo lugar, o poder. Ou, em outras palavras, o que determina o “perfil” do conceito é a dimensão política das relações sociais [...]. Isso não quer dizer, [...] que a cultura (o simbolismo, as teias de significados, as identidades...) ou a economia (o trabalho, os processos de produção e circulação de bens) não sejam relevantes ou não estejam contemplados [...]. (SOUZA, 2013, p.88).

Rogério Haesbaert (2014) analisa o território em diferentes campos, inicialmente como questão jurídica, relacionando com o poder político, delimitado, depois com a questão simbólica de apropriação, uso, venda e troca, relações de identidade e segurança afetiva, sendo assim:

Território, em qualquer acepção tem a ver com poder, mas não com o tradicional poder político. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação. (HAESBAERT, 2014, p. 57).

Essa perspectiva apontada por Haesbaert, relacionando com o campo da identificação e simbolização é o ponto principal a ser trabalhado nessa pesquisa, por conectar com o uso e apropriação do território por parte da comunidade LGBTQIA+, relacionando com os vínculos criados.

Além disso, Haesbaert amplia o conceito de território voltado ao mundo globalizado, onde surge os debates sobre fragmentação dos territórios, a chamada desterritorialização, e com isso na verdade estaria acontecendo uma multiterritorialidade, sendo estes os territórios rede que:

São por definição, sempre, territórios múltiplos, na medida em que podem conjugar territórios-zona (manifestados numa escala espacialmente mais restrita) através de redes de conexão (numa escala mais ampla). A partir daí se desenham também diferenciações dentro da própria dinâmica de “multiterritorialização” (HAESBAERT, 2014, p. 83).

. O conceito de território neste trabalho será visto como apropriação do espaço vivido, trabalhando com a relação de territorialidade, sobre a identificação com um determinado espaço a partir das relações sociais. De acordo com Haesbaert (2010):

Enquanto a economia globalizada torna os espaços muito mais fluidos, a cultura, a identidade, muitas vezes re-situa os indivíduos em micro ou mesmo mesoespaços (regiões, nações) em torno dos quais eles se agregam na defesa de suas especificidades histórico-sociais e geográficas. Não se trata apenas de que estamos, genericamente, “agindo mais sobre as imagens, os simulacros dos objetos, do que sobre os próprios objetos”, como afirma Raffestin. A exclusão social que tende a dissolver os laços territoriais acaba em vários momentos tendo o efeito contrário: as dificuldades cotidianas pela sobrevivência material levam muitos grupos a se aglutinarem em torno de ideologias e mesmo de espaços mais fechados visando assegurar a manutenção de sua identidade cultural, último refúgio na luta por preservar um mínimo de dignidade. (HAESBAERT, 2010, p. 92)

Desta maneira as relações territoriais vinculadas as relações sociais se conectam, corroborando na construção de identidades que são fortalecidas de acordo com o tempo, abordando as heranças que se deram pela utilização do território em um determinado espaço e tempo. Para a análise das territorialidades é necessária a apreensão das relações reais recolocadas no seu contexto sócio histórico e espaço-temporal (RAFFESTIN, 1993).

O território é funcional a começar pelo território como recurso, seja como proteção ou abrigo, seja como fonte de “recursos naturais” – “matérias-primas” que variam em importância de acordo com o(s) modelo(s) de sociedade(s) vigente(s) (Haesbaert, 2014).

A territorialização LGBTQIA+ inicia-se no Brasil a partir do preconceito por parte da sociedade tradicional heteronormativa, rejeitando, ofendendo e excluindo esse grupo, tornando-os marginalizados, os levando a procurar espaços mais afastados, gerando os guetos. Em Recife entre os anos 60 e 70 existia o jornal Diário da noite, com a publicação de um correio sexológico, para que os leitores enviassem suas dúvidas relacionadas a sexualidade, além da publicação de poemas com metáforas incentivando aos gays “saírem do armário”. (SILVA, 2011, p.37).

Devido a estar fora dos padrões exigidos pela sociedade, a comunidade LGBTQIA+ termina por sofrer atos discriminatórios por parte da população, em forma de olhares, falas, e até agressões; muitas vezes enxergados como aberração. Esse preconceito tende a gerar uma segregação, que, segundo Barreto (2009), ocorre de forma social e espacial, contribuindo para a formação de novos espaços de convivência, construção de territórios ligados a identidade, a força e a bandeira de resistência. São nestes territórios, que estes indivíduos podem mostrar sua real essência, sem medo de olhares, comentários, agressões; é um espaço de liberdade, de identidade e conexão.

Segundo o sociólogo Edward MacRae (2005), o “gueto” homossexual contribuiu para a construção de uma nova identidade social, evidenciando a presença da comunidade LGBTQIA+ em um determinado espaço, mostrando sua resistência, podendo ampliar essa territorialidade para outras áreas.

Assim, forma os espaços voltados ao acolhimento desta comunidade oferecem de certa forma algum tipo de proteção e incentivos para que outras pessoas que ainda estão no “armário” ou em fase de descoberta possam se espelhar ou identificar com suas histórias. Além dos “guetos” de movimentação noturna, outros territórios oferecem a possibilidade de acolhimento, como casas comunitárias, criando espaços de resistência.

De acordo com Green (2005), devido ao maior preconceito existente na época, pois não permitia que os homossexuais pudessem expor sua identidade por

medo, visto que esse grupo sofria intensa perseguição da sociedade, muitos deles sendo presos por vadiagem. Até o início do século XX a comunidade LGBTQIA+ não era vista em paisagens abertas, se localizavam em guetos, subúrbios, lugares apagados da sociedade, paisagens excluídas, não sendo vistos nitidamente nos grandes meios urbanos, devido a discriminação. As identidades homossexuais sofriam com o preconceito por não se manterem no padrão heteronormativo, muitas vezes mudando o seu jeito, sua personalidade em determinados lugares, por medo de sofrer agressões.

O cenário foi mudando durante o tempo, a comunidade começou se ampliar para outros territórios, tomando uma imagem mais ampla, em paisagens mais abertas, não escondendo suas personalidades, mas as trazendo à tona para sociedade. O território se constitui num elemento central para a reprodução de diversos grupos sociais, incluindo a população LGBTQIA+, já que com suas ações mediadas neste espaço, age como referência para a construção de identidades. O território possui uma historicidade, elemento essencial da constituição do espaço.

Simões e França (2005) utilizam o termo “mancha” para denominar as zonas da cidade frequentadas por homossexuais, sendo essas áreas providas de estabelecimentos reconhecidos pelos homossexuais como propícios para sua sociabilidade, esse termo é usado como um espaço de concentração de estabelecimentos que são reconhecidos por seus frequentadores como pontos de referência dos serviços e da sociabilidade que oferecem, apresentam uma iconografia própria na paisagem e também no imaginário dos seus frequentadores, algo como o “espaço vivido” para os geógrafos.

Souza (1995) mostra que o espaço é apropriado, ocupado por um grupo social, delimitando o território em diversas escalas e de diferentes modos. Segundo o autor, a ocupação desse território é vista como gerador de raízes e identidade, onde em determinado momento esse grupo não poderá mais ser compreendido em seu território. O território pode ao mesmo tempo ser de certa maneira pacífico ou um território de conflitos, sejam eles de poder, interesse e/ou espacialidades.

Vale salientar que o território passa por um processo de dominação ou apropriação, o território e a territorialização devem ser trabalhados na multiplicidade de suas manifestações, incorporados por múltiplos sujeitos. (Haesbaert, 2014).

Como decorrência deste raciocínio, é interessante observar que, enquanto “espaço-tempo vivido”, o território é sempre múltiplo, diverso e complexo. Desta maneira, podemos afirmar que o território imerso em relações de dominação ou de apropriação da sociedade “desdobra-se ao longo de um continuum que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou “cultural-simbólica” (Haesbaert, 2004).

Estas parcelas do espaço geográfico apropriadas possuem certas características próprias: trechos de fronteiras delimitadas conforme variam os períodos do dia; uma historicidade própria; relações sociais de poder que dela derivam; e um espaço simbólico na produção de identidade.

## **2.2 Territorialidades e construção de identidades**

O homem como ser social procura seus semelhantes, a fim de partilhar e vivenciar sua identidade com o outro, o que Michael Mafessoli (1995) chama de ‘ressurgimento comunitário’, do estar junto de seu semelhante.

A territorialidade é voltada em como a sociedade faz a sua relação com o território, a partir de concepções, relações próprias ou de um determinado grupo como a comunidade LGBTQIA+, levando em conta a formação de identidades. Assim, Luchiari afirma que:

A territorialidade mediatiza a relação entre os homens, e a destes com a natureza. Assim, podemos dizer que a apropriação da natureza, de certa forma, exterioriza a dominação entre os homens. A análise da territorialidade rompe com a dicotomia clássica entre Homem e o Meio, pois, ao traçarem territorialidades, os homens conjugam as relações com a natureza e as próprias relações de poder (LUCHIARI, 1999, p.31).

Segundo Bauman (2005), a identidade surge a partir do tumulto, sendo uma luta contra a dissolução e fragmentação, relacionadas a cultura, costumes, respeitando e ensinando a respeitar toda a diversidade existente entre eles. Então é a partir disso que nasce a relação de identificação por parte da comunidade LGBTQIA+.

Muitos lugares caracterizados das relações homoafetivas são conhecidos por serem “abrigo” para essa comunidade, transparecendo sua verdadeira personalidade sem medo de ser discriminado por estar em um mesmo lugar que os seus semelhantes, sentindo-se confortável e se identificando com o lugar.

Os lugares gays na visão de Pinho (2010, p.20) são:

Territórios afetivos-sexuais, locais de resistência, de experiência e de reprodução social. Como potência de novidade e de diversidade, mesmo constituindo-se em espaços de exercício da liberdade, encontram-se também submetidos a constrangimentos, alguns de outra ordem.

A conceituação do autor nos faz refletir e perceber que a construção de identidade da comunidade LGBTQIA+ propiciam outros costumes para os territórios vivenciados como: as famosas gírias, formando um campo simbólico com uma forma particular de se expressar, ou seja, um dialeto que é próprio desse grupo, e que ajudam na definição da identidade desse grupo. A utilização e ocupação desses territórios são essenciais na formação de identidades.

A construção de territórios da comunidade em tela é fundamental para perpetuação de sua identidade, mantendo suas manifestações de forma ativa nesses espaços, não presenciando problemas como desigualdade social. Milton Santos (1998, p. 34) afirma que:

O território, pela sua organização e instrumentalização, deve ser usado como forma de se alcançar um projeto social igualitário avançar da cidadania abstrata à cidadania concreta, a questão territorial não pode ser desprezada.

A exclusão dessas identidades ocorre muitas vezes por outros grupos não entenderem o espaço das outras, gerando tensões e conflitos nos territórios, a sociedade não é homogênea, são identidades, valores, simbolismos diferentes, partindo desde times de futebol, crenças e religião até a sexualidade. Devido a essa heterogeneidade que diversos grupos e espaços são criados, individualizando-os.

A partir das relações de poder com um determinado espaço, seja ele de um grupo ou de vários grupos, o território será formado, formando sua identidade de acordo com os grupos presentes, os territórios podem carregar valores simbólicos para determinadas pessoas, pelo fato de um indivíduo se identificar ou não por aquela territorialidade. Os trechos da Rua das Ninfas e Av. Manoel Borba passam a ser uma territorialidade LGBTQIA+ devido a apropriação da comunidade por esse espaço, construindo identidades, implantando ações, ligadas aos estabelecimentos existentes na área. Raffestin (1993, p.144), diz que:

[...] um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. (...) o território se apóia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção a partir do

espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder [...]

A relação e imposição dessa comunidade na formação de território irão ganhar identidades, principalmente voltadas à diversidade e o respeito, enfrentando e rompendo barreiras contra o preconceito, marcando o seu espaço na sociedade, muitas vezes como campos de resistência. É importante ressaltar os conflitos que ocorrem nesse território, normalmente gerados pelo preconceito e pela intolerância (BARRETO, 2009).

Nesse ponto de vista Haesbaert:

A territorialidade, além de incorporar uma dimensão mais estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está “intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como dão significado ao lugar”. (HAESBAERT, 2014, p. 59).

A partir disso, é a relação das pessoas com o espaço e de como elas se organizam que dão significado aos lugares, relacionando com a identificação, suas relações de poder e simbólicas, principalmente por parte da comunidade LGBTQIA+, a partir de sua organização espacial, significado e importância dos lugares.

O próximo capítulo será voltado a análise e discussão dos dados através dos questionários aplicados com os frequentadores da Rua das Ninfas e Avenida Manoel Borba, analisando o perfil das pessoas e quais estabelecimentos elas mais frequentam.

### 3 A TERRITORIALIZAÇÃO DA COMUNIDADE LGBTQIA+ NA RUA DAS NINFAS E AV. MANOEL BORBA

Este capítulo tem o intuito de discutir as observações feitas neste território, a análise do perfil das pessoas que o frequentam e qual é o ponto de partida delas até chegar ao seu destino, no caso, o território em análise, tendo como objetivo principal compreender as motivações das dinâmicas de apropriação.

**Figura 1: Localização da Rua das Ninfas e Av. Manoel Borba**

#### Localização dos points na Rua das Ninfas e Av. Manoel Borba



**Fonte:**Google Maps, elaborado por Carlos Alberto (2022)

A Rua das Ninfas se localiza no bairro de Soledade, no limite do bairro da Boa Vista, onde fica a Av. Manoel Borba. Nos trechos delimitados encontra-se 1(um) estabelecimento na Rua das Ninfas que é o Bar do Céu, já na Av. Manoel Borba encontram-se 5 (cinco) estabelecimentos: o Clube Metrópole, Pajubar (antigo Miami Pub), Aquarius Bar, Pop House Bar (antigo Amigos do Pop Bar) e Conchittas, e o Place Bar, todos eles direcionados ao público LGBTQIA+, como mostra na Figura 1.

Em 2015 foi produzido um Guia Gay da cidade do Recife pela editora Guiya, associada à Associação Brasileira de Turismo para Gays, Lésbicas e Simpatizantes (ABRAT GLS) com informações sobre boates, saunas, pontos de pegação, em sua maior parte voltados ao público gay.

**Figura 2 – Guia Gay de Recife**



Fonte: Guiya Editora e ABRAT (2015)

Em 2015 na área em estudo do TCC encontravam-se apenas 3 estabelecimentos em funcionamento, diferentemente do cenário atual que é composta por 6 estabelecimentos voltados a toda comunidade LGBTQIA+. Com o tempo esse território foi sendo alterado e novos clubes que levantam a bandeira LGBTQIA+ passaram a existir; sendo assim novos “territórios” foram criados visando atingir/afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos em uma determinada área geográfica. (Sack, 1989, p.6 *apud* Haesbaert, 2014, p. 59).

O Clube Metrópole se destaca por ser um dos points mais antigos (2002) desta área e que está em funcionamento até hoje, segundo Souza (2016):

O Clube Metrópole, atualmente, é uma das mais modernas e badaladas boates do circuito GLS da cidade do Recife. Conta com uma enorme estrutura que proporciona às pessoas que ali circulam uma diversidade de ambientes, adequando-se aos seus gostos e estilos. Funciona nas sextas, sábados e véspera de feriado, com uma agenda de festas temáticas diversificadas e a presença de artistas - cantoras, bandas, atrizes, drags - e outros entretenimentos. (SOUZA, 2016, p. 56).

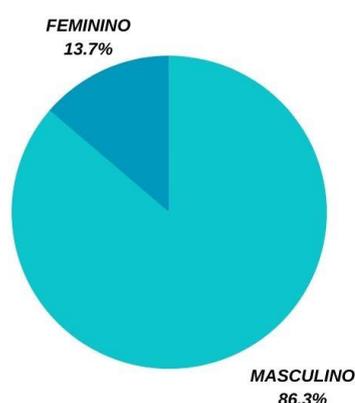
Para identificar o grupo que frequenta esse território foi realizado um questionário a fim de traçar o perfil das pessoas, voltado a identidade de gênero, sexualidade, idade, etc. Antes de iniciarmos, como estamos trabalhando com a comunidade LGBTQIA+ e ela se divide em várias nomenclaturas, a partir disso foi criado um anexo (**ANEXO 1**) para mostrar os grupos que compõem e seus significados.

Intencionamos apresentar e detalhar as respostas dos sujeitos pesquisados por meio de questionário (**APÊNDICE A**). Destaca-se que os dados serão divulgados e analisados com base nos objetivos geral e específicos da pesquisa que estão diretamente relacionados. Participaram ao todo 73 pessoas do questionário, composto por 9 questões, com o intuito de traçar o perfil dos frequentadores da área em estudo, através do sexo, idade, etnia, identidade de gênero, orientação sexual, quais estabelecimentos as pessoas frequentam com mais intensidade, e a localização, com o objetivo de criar um mapa para saber o deslocamento das pessoas até a Rua das Ninfas e Av. Manoel Borba.

De acordo com os **Gráficos 1, 2, 3, 4 e 5** abaixo, 73 pessoas responderam ao questionário, sendo destes 86,3% pertencentes ao sexo masculino e 13,7% ao sexo feminino, com maior peso na faixa etária dos 18 aos 25 anos de idade, representando 80,8% das respostas, brancos (44,3%), cisgêneros (93,2%) e homossexuais (75,3%). Esses quadros tem o objetivo de traçar o perfil das pessoas que frequentam a Rua das Ninfas e Av. Manoel Borba.

### Gráfico 1- Perfil dos frequentadores: SEXO

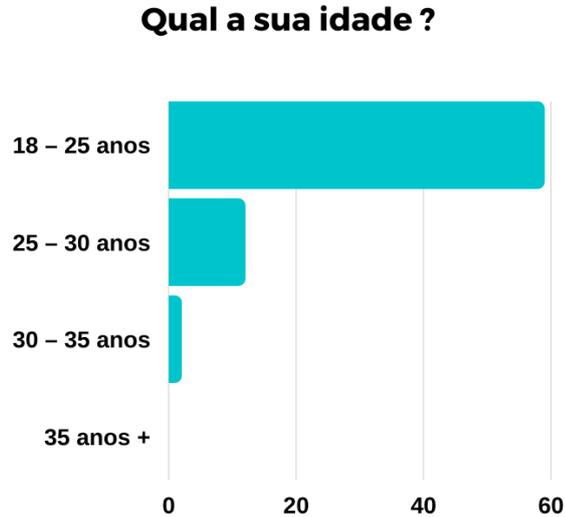
#### COMO VOCÊ SE DECLARA?



Fonte: Carlos Alberto (2021)

De acordo com os dados obtidos através do questionário a maior parte dos frequentadores se declararam ser do sexo masculino, totalizando 86,3% (63 pessoas), enquanto os que se declararam no feminino totalizam 13,7% (10 pessoas).

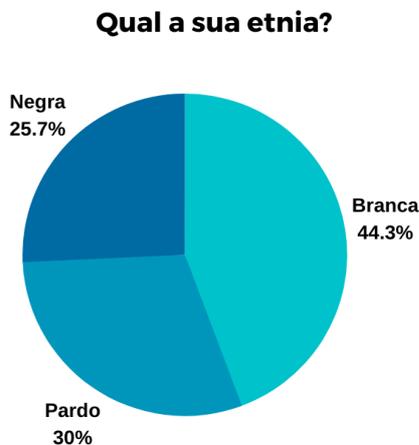
### Gráfico 2 - Perfil dos frequentadores: IDADE



Fonte: Carlos Alberto (2021)

Em relação a idade 80,8% (59 pessoas) se encontram entre 18 e 25 anos, 16,4% (12 pessoas) na casa dos 25 a 30 anos, 2,7% (2 pessoas) entre 30 e 35 anos, e ninguém acima dos 35 anos respondeu o questionário, dessa maneira considera-se que o território em estudo é frequentado por pessoas mais novas.

### Gráfico 3- Perfil dos frequentadores: ETNIA

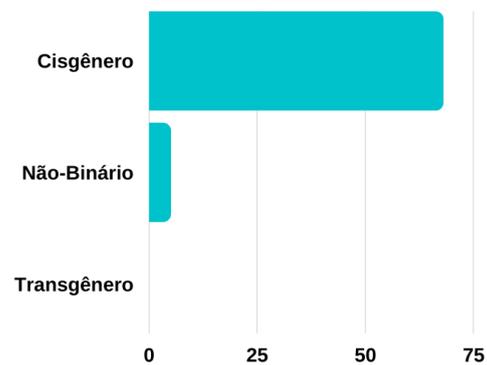


Fonte: Carlos Alberto (2021)

Dos dados obtidos foi possível visualizar que em relação a etnia é bastante dividido, totalizando 44,3% (31 pessoas) brancas, 30% (21 pessoas) pardas e 25,7% (18 pessoas) negras frequentando este espaço.

#### Gráfico 4- Perfil dos frequentadores: IDENTIDADE DE GÊNERO

Qual a sua identidade de gênero ?

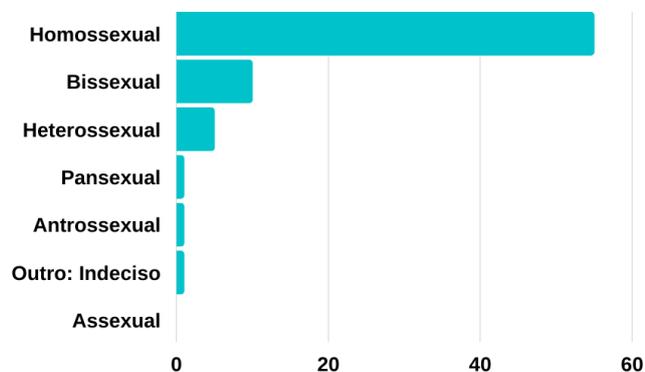


Fonte: Carlos Alberto (2021)

Das 73 pessoas que responderam o questionário 93,2% (68 pessoas) se identificaram como cisgêneros, ou seja, se identificam com o seu “gênero de nascença”, 6,8% (5 pessoas) se identificaram como não-binário (não se limitam ao masculino e feminino), e nenhuma (0) pessoa se identificou como transgênero.

#### Gráfico 5- Perfil dos frequentadores: ORIENTAÇÃO SEXUAL

Qual a sua orientação sexual ?

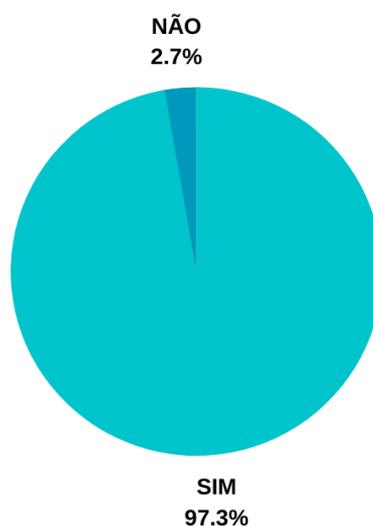


Fonte: Carlos Alberto (2021)

73,3% (55 pessoas) tem como orientação sexual homossexual (52 gays e 3 lésbicas), 13,7% (10 pessoas) bissexuais, 6,8% (5 pessoas) heterossexuais que podem estar relacionados ao grupo de simpatizantes a comunidade LGBTQIA+, 1,4% (1 pessoa) pansexual, 1,4% (1 pessoa) antrossexual e 1,4% (1 pessoa) indecisa sobre sua orientação sexual.

**Gráfico 6 - Relação da Identificação da comunidade LGBTQIA+ com os territórios.**

**Você se identifica com esse local ?**

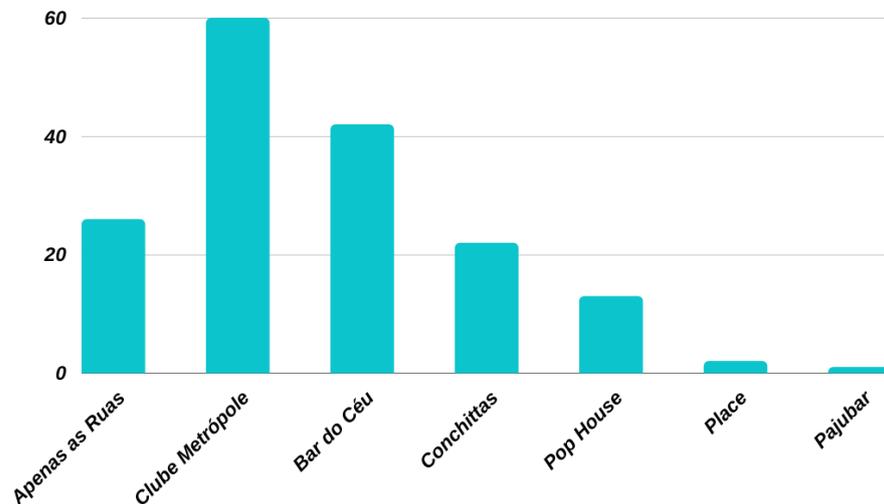


**Fonte:** Elaborado pelo autor (2021)

Quando questionados sobre a identificação com o local mencionado, 97,3% das pessoas responderam que se identificam, enquanto 2,7% responderam que não. Segundo Bauman (2005), a essência da identidade é construída em referência aos vínculos que conectam as pessoas umas às outras, considerando esses vínculos supostamente estáveis, ou seja, a conexão entre as pessoas vinculadas aos points.

**Gráfico 7 - Points frequentados pela comunidade LGBTQIA+ nos territórios.**

### **QUAIS SÃO OS POINTS DESSAS RUAS QUE VOCÊ MAIS FREQUENTA?**



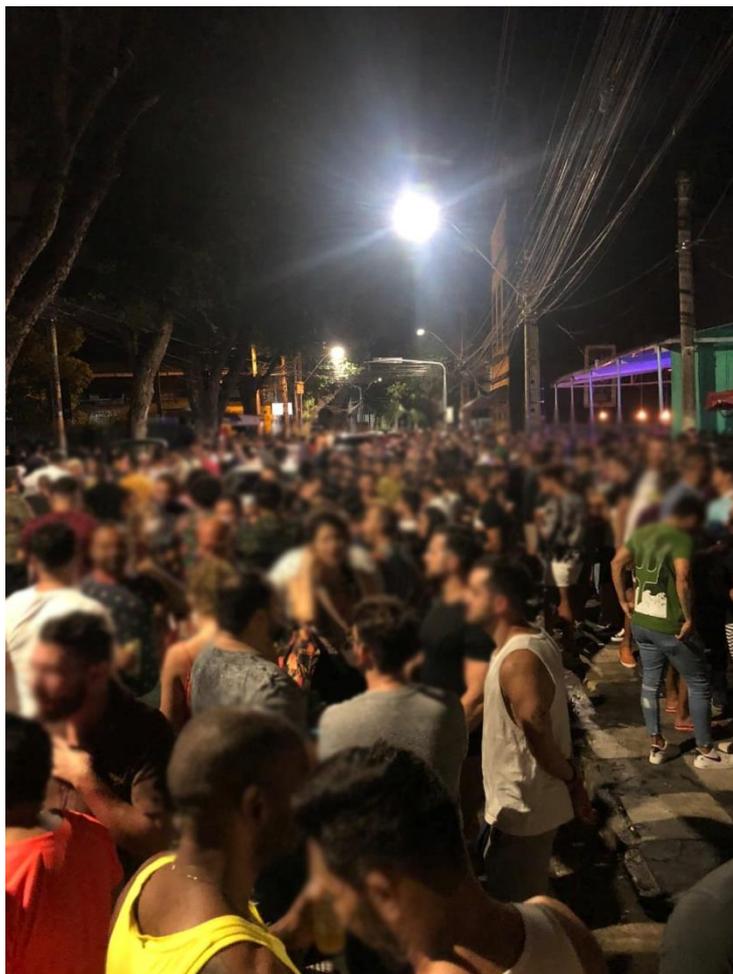
**Fonte:** Elaborado pelo autor (2021)

É importante ressaltar que nesta pergunta os entrevistados poderiam marcar mais de uma opção, com isto, entre os 73 entrevistados, 60 deles frequentam o Clube Metrópole, 42 frequentam o Bar do Céu, que é da mesma empreendedora do clube citado acima, 26 pessoas frequentam apenas as ruas, 22 pessoas frequentam o Conchittas Bar, 13 pessoas frequentam o Pop House, e 1 pessoa chegou a frequentar o Place e o mais novo Pajubar.

Dessa maneira a maior parte dos entrevistados frequentam o território da Rua das Ninfas e Av. Manoel Borba com a intenção de entretenimento, através dos bares e clubes, que funcionam no período noturno, então parte desse público frequenta esse local nos finais de semana durante a noite.

Durante a pandemia do COVID 19 ocorreu um crescimento do público alvo como mostra a figura de nº 3, desta forma muitas pessoas se reuniam no cruzamento da Rua das Ninfas e Av. Manoel Borba com o intuito de continuar a festa, levando sons para rua, contando com o fornecimento de bebidas e comidas de ambulantes.

**Figura 3 – Rua das Ninfas e Av. Manoel Borba durante a pandemia.**

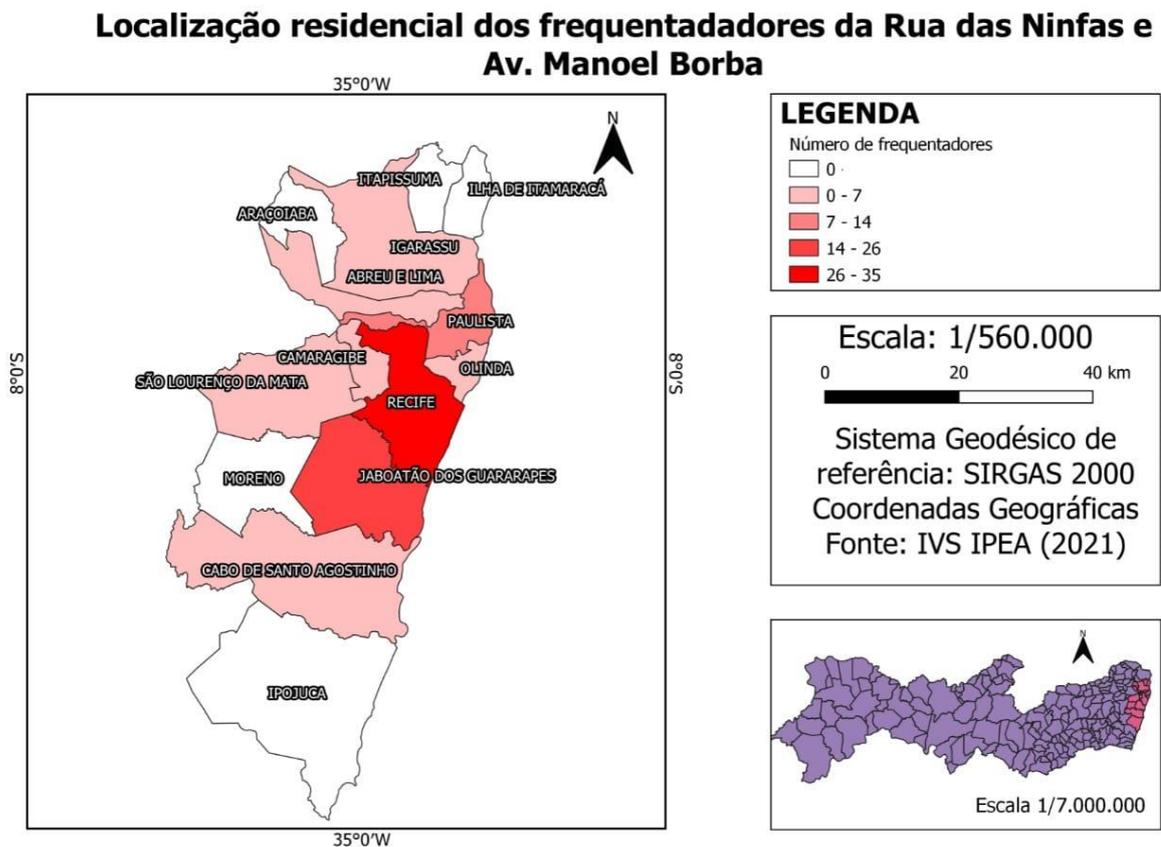


**Fonte:** Vinicius Freire, 07/09/2020

A última parte do questionário foi voltada a descobrir de onde essas pessoas saem até chegar a área de estudo desse trabalho, para deixar mais claro foram elaborados dois mapas, o primeiro voltado a RMR (Mapa 2) visto que muitas pessoas saiam de outras cidades, não apenas da cidade do Recife. Assim, podemos relacionar o deslocamento dos entrevistados com o território-rede abordado por Haesbaert (2014), onde se tem um direcionamento da circulação de fluxos, através de conexões e redes, dessa maneira os entrevistados saem de um determinado ponto até outro, nesse caso de sua moradia até esses pontos de convivência, de lazer, ou até mesmo de trabalho, localizados na Rua das Ninfas e Av. Manoel Borba. Sendo assim:

O território passa, gradativamente de um território mais zonal ou de controle de áreas (lógica típica do Estado-nação) para um território-rede ou de controle de redes (típico da grande lógica empresarial capitalista). Aí, o movimento ou a mobilidade (e seu controle) passa a ser um elemento fundamental na construção do território. (HAESBAERT, 2014, p. 68).

**Mapa 1 – Localização residencial dos frequentadores da Rua das Ninfas e Av. Manoel Borba, na Região Metropolitana do Recife.**



**Fonte:** Carlos Alberto, 2021.

Após a obtenção dos shapefiles (dados base da região metropolitana), obtidos pelo IVS (Índice de Vulnerabilidade Social) vinculado ao IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), foram elaborados os mapas no Programa *Qgis* com base nos dados obtidos dos questionários, das cidades em que os entrevistados residem. Ao todo foram totalizados 9 municípios em que residem pessoas que frequentam o cruzamento da Rua das Ninfas e Avenida Manoel Borba; a maior parte dos entrevistados residem na cidade do Recife, totalizando 35 pessoas como mostra o mapa. Nos municípios de Jaboatão dos Guararapes e Paulista indicam uma boa parte de pessoas, entre 14 e 26 pessoas, entre 7 e 14 pessoas; já nos municípios representados no mapa com a tonalidade mais clara se enquadram entre 1 a 7 pessoas, enquanto os que estão em branco não foi possível identificar nenhum frequentador.

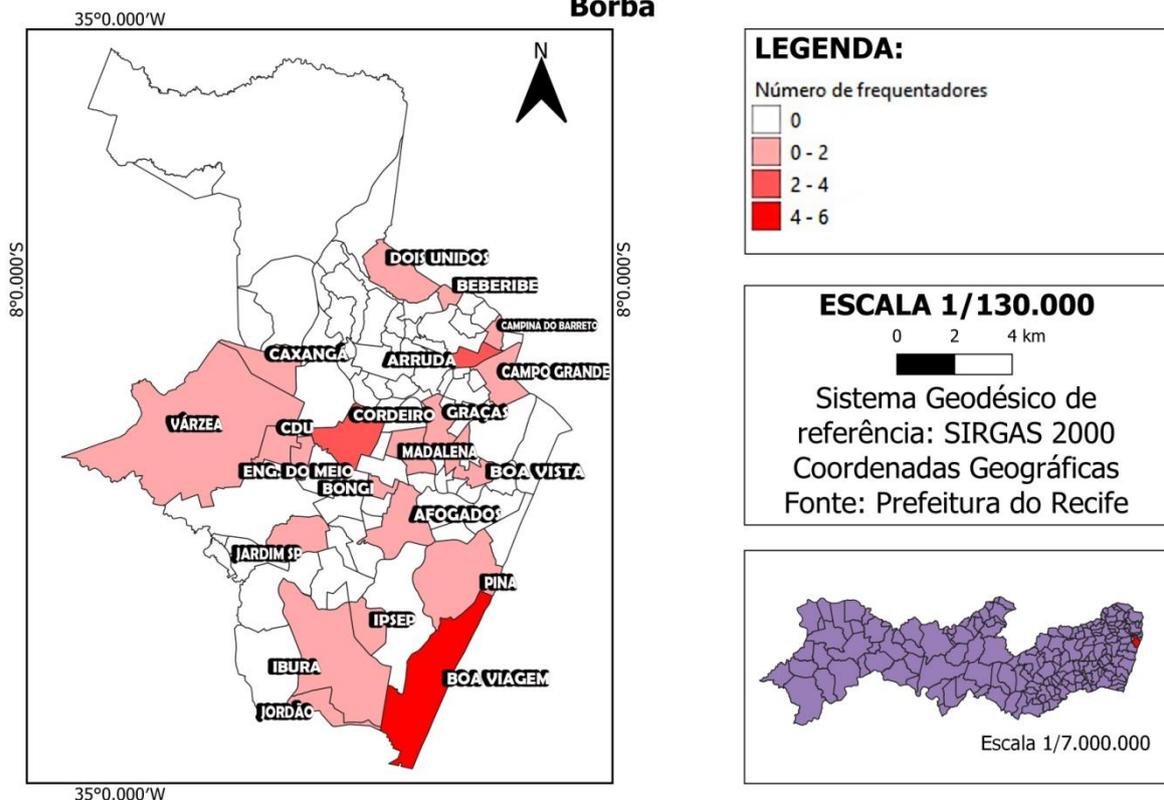
Sendo assim, pessoas de várias cidades se deslocam de suas residências e vão para o Recife, precisamente para a Rua das Ninfas e Av. Manoel Borba em

busca de festas, encontro com amigos, entre outras coisas. Assim, tornando este território um ponto fixo, efetivando seus fluxos e conexões como aborda Dias (2020).

Como a cidade do Recife foi a mais apontada, foi criado um mapa referente aos bairros em que os entrevistados residem. (Mapa 2)

**Mapa 2 – Localização residencial dos frequentadores da Rua das Ninfas e Av. Manoel Borba, nos bairros da cidade do Recife.**

**Localização residencial dos frequentadores da Rua das Ninfas e Av. Manoel Borba**



Fonte: Carlos Alberto, 2021.

Dentre os 35 entrevistados que residem em Recife, apenas 1 reside no bairro que tem conexão direta com a Av. Manoel Borba, que é o Bairro da Boa Vista. Os bairros com mais intensidade são o de Boa Viagem com cerca de 6 pessoas, o bairro do Cordeiro e Arruda, entre 2 e 4 pessoas, os outros bairros citados ficam entre 1 e 2 pessoas.

No próximo capítulo será abordado a segunda parte dos resultados, analisando e discutindo as falas de frequentadores e de uma empresária de alguns estabelecimentos da Rua das Ninfas e Av. Manoel Borba.

## **4 ANÁLISE DAS FALAS DOS ENTREVISTADOS A PARTIR DA RELAÇÃO DE USO DO TERRITÓRIO**

Neste capítulo será abordado a análise das vivências voltadas a esse território como espaço de consumo, lazer e sociabilidade destinados à comunidade LGBTQIA+, trabalhando com os frequentadores e empresários locais, a ponto de criar discussões sobre o ponto de vista voltado a questão de sociabilidade e identidade e a relação empresaria. Desta maneira, a construção de diálogos voltados a vivência, memórias, observações, diálogos, por parte dos indivíduos entrevistados.

### **4.1 A relação da Comunidade LGBTQIA+ com a apropriação do território da Rua das Ninfas e Avenida Manoel Borba.**

Após a observação, produção de mapas e análise do território, passamos ao desenvolvimento das entrevistas semiestruturadas com os frequentadores da área em estudo. A estratégia desse procedimento teve como objetivo reunir as informações voltadas à relação de uso com o território, a fim de descobrir se realmente as pessoas se identificavam com este território, se sentem seguras, e o que motivou elas a se deslocarem até estelugar. No diálogo com os entrevistados foi possível compreender melhor a relação deles com o território estudado.

Realizamos no total 9 (nove) entrevistas online (**APÊNDICE B**), que foram gravadas através da plataforma GoogleMeets, mediante a assinatura do termo de consentimento (**APÊNDICE D**). Todos os 9 (nove) entrevistados participaram do preenchimento dos questionários que resultou no total de 73 pessoas. As entrevistas apresentam vários pontos, como: points frequentados, a relação com o território em período pandêmico, identificação, segurança e modificação desse território.

A entrevista é um bom instrumento de coleta de dados, no qual fornece dados que não podem ser encontrados em outras fontes documentais, podendo ser fornecidos por determinadas pessoas.

A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados considerada como sendo uma forma racional de conduta do pesquisador, previamente estabelecida, para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos, de maneira mais completa possível, com o mínimo de esforço de tempo. (ROSA; ARNOLDI, 2006, p.17.)

Ao todo foram feitas 5 (cinco) perguntas com a finalidade de descobrir a relação que essas pessoas tinham com este território.

**Pergunta 1. Quais os Points situados nos territórios das Rua das Ninfas e Avenida Manoel Borba, você frequenta? Sua presença nesses ambientes de entretenimento acontece de maneira contínua?**

Os dados indicam a presença em grande parte dos estabelecimentos que estão situados na área de estudo, principalmente o Clube Metrópole e o Bar do Céu, devido a pandemia muitas pessoas deixaram de frequentar, devido a aglomerações que aconteciam ao redor desses estabelecimentos, situados nos trechos da Rua das Ninfas e Avenida Manoel Borba. Segundo os Entrevistados 5, 8 e 9:

Metrópole, Conchittas, Place, Bar do Céu. Então, antes da pandemia era mais vezes, mas depois da pandemia deu uma reduzida, mas cheguei a ir lá durante. (Entrevistado 5, Julho, 2021)

Bar do céu, Metrópole, Miami Pub, Pop House. Antes da pandemia eu todo mês estava em alguma festa desses quatro lugares, atualmente não porque está rolando muita aglomeração e estou preferindo lugares mais abertos. (Entrevistado 8, Julho, 2021)

Todos, porém frequento muito o Bar do Céu e Metrópole. Praticamente toda semana eu estava lá, e antes de ir sempre eu e meus amigos passávamos no Select para um esquentar. (Entrevistado 9, Julho, 2021)

A partir das respostas foi perceptível notar que muitos deles frequentavam os points antes da pandemia, de acordo com o Entrevistado 5, apesar de ter continuado comparecendo nos points durante a pandemia, ele relatou uma diminuição na sua frequência devido à crise sanitária da Covid-19, diferente do Entrevistado 8 que parou de frequentar totalmente o local.

O Entrevistado 9 relata uma informação sobre a frequência em outro espaço que não está localizado precisamente na Rua das Ninfas e Avenida Manoel Borba, que é o Select, situado no Bairro da Boa Vista, Recife – PE, onde ele e os amigos passavam lá para fazer um “esquentar”. O posto Select costumava ser o “esquentar” para as pessoas que frequentavam as boates e os bares daquela proximidade, como o Santo Bar, a Metrópole e o Miami Pub. (ALBINO, 2018, p. 111).

**Pergunta 2. De que maneira a pandemia afetou sua relação com o território?  
Você chegou a frequentar esse local durante a Pandemia?**

Nas falas dos Entrevistados 2, 5, 6 e 9, a relação com a pandemia afetou da seguinte forma:

Na minha visão não afetou em um vínculo muito alto, minha relação era bem sazonal, era como se eu deixasse de sair pra um lugar que eu fosse em alguns períodos. Cheguei a ir três vezes, das três vezes que fui eu vi que tinha um protocolo devido a pandemia, mas que esse protocolo não era muito levado a sério ao decorrer da noite, era um cartão de entrada e depois ficava relaxado. Duas delas foram na metrópole e uma no Pop House. (Entrevistado 2, Julho, 2021).

Afetou no lance de poder ir em determinados momentos. Cheguei a frequentar, [...] ia com meus amigos e a rua estava bem lotada, porém a flexibilização ainda estava bastante restrita, os bares fechavam no máximo 23 horas, e o pessoal continuava nas ruas. (Entrevistado 5, Julho, 2021).

Afetou em ir diretamente. Fui uma vez durante a pandemia, fiquei pouco tempo lá e não foi uma experiência muito legal, cheguei lá na rua e tinha esse público totalmente diferente do que se tinha lá, então não me deu a sensação de segurança e não me senti à vontade. [...] começou a ser frequentada por pessoas que não faziam mais meu estilo de público, muita gente que não é LGBT que não frequentava, os maloqueiros do recife antigo passaram a ir para lá e tornou o ambiente mais perigoso. (Entrevistado 6, Julho, 2021).

Muito, porque eu ia constantemente, então inicialmente foi um choque. Cheguei a ir durante a pandemia a partir de Novembro de 2020, quando a Rua das Ninfas estava bem movimentada, e o local mudou muito a questão de segurança porque estávamos na rua, o público, que antes era muito voltado aos LGBT'S e durante a pandemia eu senti a crescente alta de héteros, e isso me afetava um pouco com a relação com a rua, pra mim e pros meus amigos, porque nós sentíamos menos "livres", por os estabelecimentos não estarem abertos passava a sensação de insegurança. (Entrevistado 9, Julho, 2021).

A partir das falas foi possível identificar que a pandemia afetou em sua maioria a relação com o território em tela, segundo o Entrevistado 2, em sua relação não foi muito afetada, porque o mesmo não tinha uma relação constante com o território, mas sim de forma sazonal, diferente da maioria que foram afetados diretamente pelo fato de frequentar o local constantemente.

Todos os entrevistados relataram que durante um determinado período na pandemia chegaram a frequentar os points, e constataram uma grande aglomeração nas ruas. De acordo com os Entrevistados 6 e 9, parte do público mudou, principalmente pela concentração estar voltada as ruas de maneira livre e não diretamente aos estabelecimentos, passando a sensação de insegurança, devido à presença de indivíduos que não faziam parte da Comunidade LGBTQIA+.

Pode-se notar pela fala dos Entrevistados 6 e 9 um sentido de exclusividade, que antes esses territórios eram espaços de convivência da comunidade LGBTQIA+, e durante a pandemia houve uma mudança, tendo a presença de alguns heteros no local. Segundo Gomes (2006):

Esse senso de exclusividade pode ser percebido nos propósitos das pessoas, na recusa a conviver sobre o mesmo espaço, estabelecendo horários estratégicos para evitar o encontro, ou ainda a adoção de acessórios e linguagem comportamental para estabelecer as diferenças.

**Pergunta 3. Atualmente, existe algum lugar que você se sente da mesma forma dos territórios Ninfas e Avenida Manoel Borba, no atual cenário de Pandemia?**

Tendo por base a resposta dos entrevistados, sua maioria relata que não existe um lugar que eles tenham a mesma sensação da Rua das Ninfas e Av. Manoel Borba, segundo os Entrevistados 1, 3, 4 e 6:

Para ser sincera não, eu tentei ir para Rua da Moeda, mas prefiro a energia das ninfas, muito melhor. (Entrevistado 1, Julho, 2021).

Da mesma forma não, ali eu sentia uma representatividade muito grande, eu via vários grupos sabe? tinha o grupo dos biscoiteiros que ficavam sem camisa pra falar que tinha um corpo legal, o grupo das pocs que ficavam dançando junto com o pole dance, tinha uma diversidade que eu não encontro em outros lugares, então é um dos pontos que eu acho interessante na rua, da diversidade e representatividade. (Entrevistado 3, Julho, 2021).

Eu acho que o lugar mais parecido é minha casa, assim, eu não frequento mais esses lugares, mas continuo encontrando meus amigos aqui na minha casa, bebendo, escutando música, e querendo ou não me lembra o ambiente de lá. (Entrevistado 4, Julho, 2021).

Da mesma forma não, porque não tem muitos locais voltados ao público LGBT, a Rua da Moeda querendo ou não é diferente a dinâmica, não é precisamente pros LGBT, a comunidade em si não se apropria tanto quanto a Rua das Ninfas e Av. Manoel Borba. (Entrevistado 6, Julho, 2021).

Quando questionados sobre se existe algum lugar que remeta a sensação da Rua das Ninfas e Avenida Manoel Borba, os entrevistados expressaram que não, segundo o Entrevistado 4, o ambiente mais parecido é sua casa, devido a encontrar os amigos que ele ia junto para os points, remetendo ao ambiente frequentado anteriormente.

Os Entrevistados 1 e 6 trazem mais um point localizado fora da rota de estudo, que é a Rua da Moeda, localizada no Bairro do Recife. Segundo eles, a rua da moeda seria um point que poderia ser remetido a Ninfas e Manoel Borba, porém

não era totalmente destinado a Comunidade LGBTQIA+, não se tinha uma apropriação em massa daquele território em massa por parte da comunidade.

A partir disto, partimos para o ponto de identificação com o território, que para Vicente (2015):

O território se constitui num elemento central para a reprodução de diversos grupos sociais, incluindo a população LGBT, já que com suas ações mediadas neste espaço, age como referência para a construção de identidades. O território possui uma historicidade, elemento essencial da constituição do espaço, indissociável à historicidade do grupo social a ele vinculado. (VICENTE, 2015, p.18)

O Entrevistado 3, destaca a diversidade e representatividade que os estabelecimentos dos territórios em tela, criando uma nova divisão, não apenas voltados a sexualidade, mas a tribos, como o grupo dos biscoiteiros e pocs. Benedetti (2005) descreve que existe vários termos relacionados a esse grupo que podem ser listados como: “veado”, “bofe”, “maricona”, “ursos” e outros, diversificando o grupo, não o tornando homogêneo.

**Pergunta 4. Se você pudesse modificar alguma relação sobre a questão territorial frequentado por essa Comunidade LGBTQIA + o que você modificaria?**

De acordo com os Entrevistados 1, 2, 3, 8 eles modificariam o seguinte:

Eu acho que nada, não tenho nada a reclamar não, estava bem tranquilo todas vezes que eu fui, nada a reclamar nem acrescentar. (Entrevistado 1, Julho, 2021).

A restrição em si, por a comunidade estar restrita em apenas em duas ruas, a gente não vê polos de entretenimento da cultura LGBTQIA+, de pontos de curtidão e balada que não seja em evidência esses pontos atuais, como Ninfas, Manoel Borba e os estabelecimentos que estão contidos lá [...] eu meio que vejo a comunidade bem presa a ninfas e Manoel Borba, também tem a rua da moeda que é um polo, mas as outras duas são mais visíveis. (Entrevistado 2, Julho, 2021).

Para mim um problema é que é muito concentrado em poucos lugares, então para comunidade LGBT, deveria ampliar os cantos que a gente se sente bem, não ir apenas ir para onde fica a metrópole ou marco zero que são os pontos principais LGBT que a gente tem, mas ter uma forma de ampliar isso para outros lugares, principalmente que fossem longe do centro, imagina quem mora na Várzea, quem mora em Paulista, o tanto que tem que se deslocar para ir para esses lugares. (Entrevistado 3, Julho, 2021).

Eu ampliaria esse espaço, é um lugar onde nos sentimos bem, principalmente naquele território, é um espaço que vamos ser acolhidos, eu particularmente eu não tenho medo de ir para lá como eu quiser ir, então eu queria que esse território fosse ampliado para nossa cidade, para que pudéssemos se sentir bem em tudo que é canto. (Entrevistado 8, Julho, 2021).

Em relação a modificação territorial por parte da comunidade em si, voltada ao território frequentado, apenas o Entrevistado 1 não modificaria, para ele o local estava bem tranquilo todas vezes que frequentou, diferentemente dos Entrevistados 2, 3 e 8 que relatam a concentração de points LGBTQIA+ apenas no território em estudo. Novamente a Rua da Moeda aparece como um point, porém o entrevistado destaca a Rua das Ninfas e Av. Manoel Borba como pontos mais visíveis. Segundo eles é necessária uma ampliação do espaço da comunidade, para que não fique localizado apenas em uma mesma área, se expandindo para fora dos centros.

O Entrevistado 8 diz, “então eu queria que esse território fosse ampliado para nossa cidade, para que pudéssemos se sentir bem em tudo que é canto”. Relacionando com o espaço de aceitação, o território como identificação de grupos sociais, fortalecendo o seu poder simbólico e também como abrigo, um “aconchego”, abordado por Haesbaert (2014, p. 68)

**Pergunta 5. Como surgiu a motivação para o entretenimento no bairro da Boa Vista especificamente, nas ruas das Ninfas e Av. Manoel Borba? Você reside no bairro e sente seguro nesse ambiente comum ao grupo LGBTQIA+?**

A pergunta teve o intuito de entender a motivação para a frequência deles nesse território, e também a relação de segurança, segundo os Entrevistados 5, 6, 7, 9:

É um espaço em que a gente pode ser quem a gente é, sem ter uns olhares de reprovação, além de tipo de serem lugares legais, os bares que tem eu gosto, a galera é massa, logicamente tem algumas pessoas que destoam, mas tirando isso me sinto bem. Não, eu moro no bairro do Arruda, me sinto seguro entre “aspas”, me sinto seguro em ser quem eu sou, meus amigos também, mas se levamos a segurança de fato, não me sinto seguro, eu vou porque gosto do lugar, mas a segurança de fato eu não me sinto. (Entrevistado 5, Julho, 2021).

A motivação foi porque eu sabia que lá era um lugar mais LGBT, eu fui quando estava me descobrindo, então foi importante para isso, pra saber mais quem eu sou, eu me identifico com o lugar por que tenho o apresso muito grande pelas memórias por tudo que eu já vivi nesses lugares. Me sinto seguro entre “aspas”, dos espaços privados eu me sinto seguro por ser um espaço predominantemente LGBTQIA+, já na rua em si, não mais. (Entrevistado 6, Julho, 2021).

Primeiro por me identificar com várias pessoas que frequentam aquele espaço [...] eu gosto muito da diversidade de pessoas que frequenta esse lugar, principalmente pelos bares serem voltados ao público LGBT, e esses bares variam o público, alguns tem mais shows de drags, outro para padrões, no ClubeMetrópole mesmo, as pistas de dança varia em tribos, a pista Nova York com mais padrões, o espaço que era da Miami Pub, com um pop. Eu não resido em Recife, moro na cidade de Paulista que fica na região metropolitana. Me sinto seguro nas ruas onde ficam a boate e bares

em si, agora do Place em diante eu não me sinto. (Entrevistado 7, Julho, 2021).

Não é como se a gente tivesse muita opção, porque as opções de Recife para o público LGBT, apesar de ser aceito em outros lugares, esse lugar em si era o point exclusivo, então acho que não tínhamos muita opção de outros lugares. Era isso ou o Recife Antigo, apesar que lá não era exclusivo ao público LGBT. Não resido no bairro, resido em outra cidade que é Jaboatão, que não tem lugares tipo a Ninfas e Manoel Borba que eu me sinta acolhido da mesma forma, que me sinta livre, então vou lá de coração aberto, porque eu sei que vai ser acolhedor e confortável, apesar de saber que não vai ser totalmente seguro, mas que vou me sentir bem e confortável. É uma tirada de uma hora mais ou menos dependendo do trânsito, mas que vale a pena. Eu me sinto seguro dentro dos estabelecimentos, a sensação de estar entre iguais, apesar da comunidade as vezes acolher e as vezes não acolher, mesmo você sentindo essa polarização em si de situações, você sente que é mais fácil estar ali entre os seus, diferentemente de quando estou fora, que tem outros públicos (Entrevistado 9, Julho, 2021).

De acordo com os Entrevistados 5, 6, 7, a questão de identificação foi voltada para lugares onde eles podem ser quem eles são de verdade, sem medo da rejeição, ou do preconceito, se identificando com as pessoas que frequentam o mesmo espaço. A partir disto é visto uma relação de significados e identificação com o território, devido ser um lugar de aceitação, eles podem não “ter” o território em si, mas nesse caso é voltado ao “ser”, o que o território significa. A territorialidade diz respeito também as relações de como as pessoas utilizam a terra e de como se apropriam e se organizam no espaço, dando significado a lugares. (Haesbaert, 2014, p.59).

Para o Entrevistado 9 a motivação em si, foi devido a serem os únicos estabelecimentos voltados ao público LGBTQIA+, tornando esse espaço exclusivo como foi citado anteriormente, ele cita o Recife Antigo como um point, porém não é totalmente voltado a comunidade em si. Ele reside em outra cidade, que é Jaboatão dos Guararapes, “vizinha” de Recife, que por não ter estabelecimentos voltados ao seu público, tem que se deslocar cerca de uma hora para frequentar os estabelecimentos das Ninfas e Manoel Borba, que para ele vale a pena, por estar entre os seus e se identificar.

Referente a segurança, os entrevistados se sentem mais seguros dentro dos estabelecimentos por estar entre sua própria comunidade, mesmo tendo diferenças como cita o Entrevistado 9. Segundo eles, a rua em si não passa tanta segurança, principalmente quando sai do eixo dos estabelecimentos, relatado pelo Entrevistado 7, e também pela questão de uma possível mudança territorial relatada

anteriormente pelo Entrevistado 6, com a mudança do público nas ruas a partir das aglomerações atuais.

#### **4.2 O ponto de vista do empresário entrevistado em relação ao território da Rua das Ninfas e Avenida Manoel Borba.**

A proposta inicial é entender como se deu a motivação do empreendimento nestes territórios, a relação dos empresários com a comunidade LGBTQIA+, entre outros pontos. Realizamos o contato com 5 (cinco) empresários, porém, apenas 1 (um) concedeu a entrevista, que é dono de 3 (três) estabelecimentos localizados na área do estudo. A entrevista foi realizada de maneira semiestruturada (**APÊNDICE C**), que foram gravadas através da plataforma GoogleMeets, assinando o termo de consentimento (**APÊNDICE D**).

#### **Pergunta 1. Quais as motivações para empreender no ramo de entretenimento direcionado ao público LGBTQIA+? E por que o bairro da Boa Vista?**

De acordo com o empresário 1:

No meu caso tem uma relação a ver com a cultura LGBT, que eu sempre encontrei aqui nesse prédio desde a Misty, o bairro da boa vista que eu sempre percebi, aliás os centros de qualquer capital, os centros é onde você tem o DNA da cidade, é o local onde de fato as coisas acontecem entendeu? e a vida boemia aqui da boa vista ela é histórica já, ela passa por aqui por a gente mas com certeza ela não vai parar por aqui no dia em que a metrópole não existir mais. E com certeza a Metrópole vai fortalecer ainda mais essa história, vai fortalecer ainda mais essa territorialidade, eu tenho certeza disso. (Empresário 1, Julho, 2021).

Segundo Silva (2011, p.191):

Na década de 1970, três boates parecem ter-se destacado no Recife, pois elas são uma constante nas referências de lugares mais “descolados” e animados em conformidade com o melhor estilo disco que tomou conta do Mundo durante a década de 1970. Eram: a Misty, também chamada de Mister situada na Rua do Riachuelo, próxima ao bar Mustang, a Vogue e a Stok, ambas instaladas no edifício Novo Recife, por trás do cinema São Luís, no Bairro da Boa Vista.

O empresário 1 ainda relata que parte dessa motivação se deu devido a percepção de uma economia voltada ao público LGBT que:

Com sua cultura, com sua moda, com o seu som, com suas drags, com sua bandeira, movimentavam a economia, e aí veio a história do PinkMoney. [...]eu venho de um período anterior, que ter um empreendimento LGBT, ainda hoje nos vemos isso, a questão do preconceito com esses espaços, por parte do poder público, da sociedade em geral, de moradores, então a gente lida com isso no nosso dia a dia, por estarmos aqui e fazer da forma que a gente faz, que é com segurança, acolhimento, com respeito. Então

esse território aqui, Dani Portela esteve aqui e ela falou uma coisa que eu repito quando você fala de território, isso aqui é um quilombo LGBT, e é isso que significa esse território aqui entendeu. [...] aqui sempre foi lugar de LGBT, ele tem um significado na vida das pessoas LGBT, muito maior, então eu só consigo ver isso quando as pessoas vêm e me falam sobre, é um território de aceitação. (Empresário 1, Julho, 2021).

A partir dessa fala é perceptível a relação voltada como um território voltado a uma perspectiva econômica, funcional, como fala Haesbaert (2014), que a partir do uso dele, principalmente nas modernas sociedades capitalistas, é olhar o território como dominação por essa ação privada, voltada a questão de controle a partir da criação de preço e monopolização, quanto dos recursos que ele também oferece, e a partir dele um determinado público, nesse caso, o LGBTQIA+, a partir do uso se identificando. É um espaço que a partir da relação voltada a monopolização por meio dos empresários, pode-se tornar um território simbólico, de apropriação, e ter significados de resistência, como ela cita o “quilombo LGBT”, o Clube MetrÓpole, como um espaço de resistência a partir da apropriação dessa comunidade.

**Pergunta 2. O que você atribui como critérios ao público LGBTQIA+ se sentir aceito/seguro no seu empreendimento?**

Segundo o empresário 1:

Olha, acho que é direitos humanos, respeito, isso passa por treinamento do pessoal que vai trabalhar. Até porque você pode ter uma lésbica que ela pode ser transfóbica, um homem gay cis que pode ser transfóbico, um hetero que pode ser homofóbico, a homofobia ela está na sociedade, a gente é sociedade. Então muito do que as pessoas se sentem seguras aqui é porque elas têm o direito delas preservado de beijar, abraçar, de se sentir como se fosse a casa delas, uma casa onde ela é ela, onde me sinto cada vez mais livre. (Empresário 1, Julho, 2021).

Parte de sua fala tem relação ao direito das pessoas de beijar, abraçar, e se sentir na casa delas, essa fala faz uma conexão com o discurso do Entrevistado 4 no subcapítulo anterior, quando ele fala que o único lugar que ele se sente da mesma forma da Rua das Ninfas e da Avenida Manoel Borba, é em casa, com seus amigos. É a partir do conforto, e a sensação de segurança que os frequentadores passam a se identificar e se sentir bem com o local.

**Pergunta 3. Como você organiza o seu quadro de funcionários para atender esse público específico? Existem funcionários que pertencem a comunidade LGBTQIA+?**

Segundo o Empresário 1 cerca de 80% dos seus funcionários pertencem a comunidade LGBTQIA+, além de investir na formação e capacitação de todos os

funcionários. E como tinha falado anteriormente, “acho que é direitos humanos, respeito.”

**Pergunta 4. Como a pandemia impactou seu estabelecimento comercial, e quais estratégias empreendedoras você adotou para dar continuidade ao segmento do entretenimento?**

Dia 14 de março fecharam as coisas, dia 18 estávamos avisando que iríamos continuar vendendo e fazendo entregas, pegando o estoque que tínhamos e vendendo pra fazer uma grana. Todos funcionários aqui eram CLT, então optaram também pelo fundo de garantia. Entretenimento realmente só em casa, e isso só começou de fato com as nossas redes sociais, com os nossos clientes, e a partir disso fomos expandido para as plataformas do *Ifood*, *Zé Delivery*, entregando bebidas, então atualmente temos uma nova empresa com esse delivery, é uma empresa que ela impacta muito na casa dos outros, quando mandamos, mandamos com a fitinha da metrópole, então a Metrópole acaba chegando em outro territórios, nessa fitinha do delivery estamos marcando o território da metrópole, que já foram fitinhas que sobraram do carnaval. Fizemos algumas lives no período de pandemia. (Empresário 1, Julho, 2021).

Uma das estratégias adotados pelo Empresário foi o delivery, inicialmente como meio de acabar com o estoque que tinham, e depois consolidando nas plataformas como *Ifood* e *Zé Deliver*, com a entrega de bebidas, cigarro, entre outras coisas. É interessante quando ele fala sobre o Clube Metrópole chegar em outros territórios, pelas fitinhas, marcando presença em outros lugares, marcando presença na casa dos consumidores, é levar parte daquela territorialidade para outros pontos, os conectando.

Araújo (2020), relata que vários empreendimentos durante a pandemia, com a intenção de se manterem e não fecharem as portas, aderiram o sistema de delivery, e para isso é necessário toda uma estratégia e sistema de marketing com a finalidade de expandir e conquistar novos clientes.

**Pergunta 5. Quais os maiores desafios encontrados por esse segmento para inovar na qualidade dos serviços ao público alvo?**

Um ponto importante que o Empresário destaca é a questão de segurança no local, sendo um dos principais desafios nesse meio, segundo ele:

Desde a segurança da rua que me preocupa, a segurança interna voltadas a escada, corrimão, rede elétrica também, que são coisas que muitas pessoas não percebem, mas é questão de cautela, principalmente a gente que trabalha com entretenimento, com pessoas, com número de gente, eu sou meio que neurótica com isso. (Empresário 1, Julho, 2021).

Além da segurança nessa pergunta, o Empresário 1, relata esse ponto na pergunta 6, tratando da modificação no local.

**Pergunta 6. Se você pudesse modificar alguma relação sobre a questão territorial frequentado por essa Comunidade LGBTQIA + o que você modificaria? E por quê?**

Mais uma vez o Empresário toca na relação da segurança envolvendo a rua, como foi citado na entrevista com os frequentadores, onde muitos falavam sobre se sentir seguros nos estabelecimentos, porém não tão seguros nas ruas, principalmente com pessoas fora da comunidade LGBTQIA+ frequentando esse território atualmente.

Segundo o Empresário:

O que me preocupa atualmente é que pôr as pessoas se sentirem muito seguras nesse território da metrópole, quando estamos fechados, as pessoas, quando ficam aqui no entorno elas se sentem com essa mesma segurança, e não está tendo. A questão de venda de drogas na rua, que em qualquer canto tem essa facilidade de comprar, e pessoas jovens achando que está tudo lindo e maravilhoso, seguro em estar ali na rua, e não está, e precisamos falar sobre isso. Sem contar nos pequenos furtos, na violência, que acontece, então como parou tudo envolvendo a pandemia, paramos para pensar muito na questão de organização desse espaço.

Devido a sensação de segurança pelos frequentadores nesse espaço, principalmente no Clube Metrópole, muitos deles passaram a frequentar as ruas, devido aos estabelecimentos estarem fechados em determinados horários, se colocando em uma determinada situação de risco, por estarem a margem desses estabelecimentos, sem nenhuma segurança.

O próximo capítulo é relacionado as considerações finais do trabalho, levantando pontos desde o início até a análise de dados e sua discussão, mostrando perspectivas futuras, problemas durante a pesquisa, entre outros pontos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve inicialmente como objetivo principal analisar a territorialidade LGBTQIA+ na Rua das Ninfas e Av. Manoel Borba, tendo por base as relações indenitárias associadas ao uso e apropriação do território, em detrimento do alcance dos três objetivos específicos definidos na pesquisa.

A delimitação e caracterização do território da Rua das Ninfas e Av. Manoel Borba nos permitiu observar o campo e mapear os locais mais acessados pela comunidade dentro da área e quais destes eram mais frequentados, além de também elucidar como é feito o uso desse território. As entrevistas e questionários foram cruciais para atingir o segundo objetivo específico, que tinha como finalidade identificar os principais agentes e os respectivos papéis na conformação da territorialidade LGBTQIA+ no território sob investigação, caracterizando o perfil dos indivíduos que frequentavam este espaço, e os seus respectivos papéis na conformação da territorialidade LGBTQIA+ no território sob investigação, procurando suas localizações de origem ou ponto de deslocamento inicial.

Desta maneira, a partir da análise dos discursos obtidas por meio das entrevistas semiestruturadas foi possível atingir o terceiro objetivo, que buscava analisar os tipos de relações existentes com o território, ou seja, se realmente havia pontos de identificação ou se era apenas um território sem significado ou símbolos, com apenas um valor de uso e troca, e com isto entender quais as motivações que levaram o público a se identificarem com o território do estudo e se as pessoas se sentiam seguras nesse espaço.

Como resultado foi possível verificar que realmente existe um sentimento de identificação com o território, devido à forte presença de pessoas que partilham do mesmo sentimento de liberdade e resistência, a partir do momento em que elas mostram o seu verdadeiro “eu”, distantes dos julgamentos por parte da sociedade conservadora. Além disto, foi possível verificar alguns “conflitos” durante o período pandêmico, relacionados a um novo público de pessoas estarem frequentando este território, no caso, heterossexuais, e alguns “maloqueiros” que não frequentavam o território antes da pandemia.

A problemática da pesquisa em questão consiste na dúvida de se esta territorialização é dada no bairro como um todo ou apenas nestas ruas e se existem

outros pontos que ligam estes territórios, como também se a sua apropriação acontece durante as 24 horas do dia ou em horários específicos.

Foi possível comprovar, que existem outros pontos fora do bairro que também possuem uma forte presença da comunidade LGBTQIA+ e se conectam até os pontos da área estudada, como o Marco Zero, Rua da Moeda e até mesmo o Posto Select, que também se encontra no bairro da Boa Vista, porém a concentração maior do público LGBTQIA+ é observado no território em tela; quanto a apropriação dos locais de maneira contínua, muitos dos entrevistados focaram nas ruas apenas como pontos de entretenimento e encontro com os amigos, e pessoas da comunidade, não sendo de forma diária, mas sim no período noturno nos finais de semana devido ao funcionamento dos bares, nos levando a concluir que é a partir do entretenimento que se gera uma identificação e apropriação do território.

Foram apresentados embasamentos teóricos durante a pesquisa trabalhando a relação de territorialidade juntamente a identidade por parte da comunidade LGBTQIA+, evidenciando que a comunidade tende a recorrer a espaços de convivência em que eles se sintam bem e acolhidos, comprovando que uma minoria se junta em um território com a finalidade das mesmas práticas, dos mesmos direitos, sendo o principal a liberdade de ser eles de verdade, de mostrar a sua verdadeira essência.

Nos resultados obtidos a partir das entrevistas, foi perceptível o carinho e a identificação com o território, apesar de ter sido relatado por vários entrevistados durante o contexto da pandemia que eles se sentiram afetados quando se tratavam da sua relação com o território, pelo fechamento dos bares e o risco de infecção pela Covid-19, sendo este intensificado com o surgimento das aglomerações na Rua das Ninfas, onde foi relatada uma mudança no território, em que outros públicos que não eram pertencentes a aquele local passaram a frequentar. Estes indivíduos eram vistos como invasores do território devido a não-identificação dos frequentadores com o novo público, os quais eram classificados em “maloqueiros” e heterossexuais, acarretando uma certa insegurança, podendo gerar conflitos, ou até mesmo a desvinculação com o território, por não se sentirem seguros.

Grande parte da motivação para a identificação ao território parte do pressuposto de que não existem muitos espaços em que a comunidade LGBTQIA+ se sente protegida, no entanto, quando pensamos nos estabelecimentos que envolvem o território do estudo, elas se identificam por estarem em um território que

encontram os “seus”, facilitando o processo de empatia e afinidade, fazendo com que mesmo que existam suas diferenças se apoiam em momentos de crise, procurando estes espaços de convivência não só pela festa, mas também para criarem laços com características do território, se identificarem com outros frequentadores, e para não sentirem medo de expressar sua verdadeira essência, não sofrendo violências verbais ou físicas, oriundas do preconceito por um simples gesto de carinho homoafetivas.

Em relação a parte empresarial, era necessário ver os interesses voltados a essa área e em principal a sua relação com a comunidade LGBTQIA+, visto que é o público dos estabelecimentos localizados na área de estudo. Infelizmente, apenas um empresário foi entrevistado, impossibilitando uma discussão mais ampla sobre o ponto de vista empresarial, porém, a partir disso foi possível ver um discurso altamente monetário e de capital frente ao público frequentador, seguido de um discurso de resistência. O empresário 1 chega a falar inicialmente que o motivo principal o levou a empreender foi a questão do Pink Money, moeda equivalente a R\$2,00 usada dentro dos bares do seu estabelecimento, e só depois que terceiros falam para o mesmo a relação de representatividade e resistência que ele traz no discurso. Vale lembrar que a relação deste território se inicia com o território em si, voltado às relações de monopólio, ao entretenimento e com um público específico, e a partir do seu uso se originam as relações indenitárias, que se expandem para áreas de representatividade e resistência.

Outro ponto importante a destacar desta entrevista foi que o próprio empresário fala algo que já havia sido relatado nas falas dos frequentadores sobre as relações que envolvem a rua no período de pandemia, onde os estabelecimentos fechavam cedo, então muitas das pessoas que saíam iam para rua continuar a festa, além de outras pessoas de outros lugares também chegarem. Com isto, a questão de segurança foi colocada em pauta, concluindo que devido as pessoas se sentirem bem e seguras nos estabelecimentos, achavam que teriam a mesma segurança estando diretamente na rua, sendo essa uma grande controvérsia.

As principais dificuldades encontradas para a construção da pesquisa foram: o contexto pandêmico, que dificultou o trabalho em campo relacionado à observação do território em diferentes horários do dia e o fluxo de pessoas que o frequentavam, sendo que esse problema foi contornado após o início das entrevistas on-line, visto que a frequência de acesso ao local relatado pelos frequentadores entrevistados é

voltado aos estabelecimentos, que possuem funcionamento noturno; o contato com os entrevistados e indivíduos que responderam ao questionário não pode se dar de maneira presencial, ou abordando os frequentadores no próprio local, mas sim entrando em contato com eles por redes sociais, solicitando a participação no estudo; o contato com os 9 empresários se deu de maneira virtual, porém ao decorrer do projeto apenas um foi entrevistado, sendo ele dono de três estabelecimentos na área de estudo, devido à falta de resposta dos outros empresários às investidas de agendamento para a entrevista, acarretando em uma menor discussão na área de resultados da entrevista quando pensamos nas estratégias que esses empresários utilizam para ampliar o processo de identificação do público ao território.

Conclui-se que a pesquisa conseguiu atender aos objetivos apresentados e gerou possibilidades na ampliação do estudo, como a relação da identidade com o território de outros points que fazem referência a comunidade LGBTQIA+, como aponta o Guia Gay do Recife. Como perspectivas futuras e pontos a se considerar, surge inicialmente uma visão que poderia ser posteriormente aprofundada a partir do estudo da construção de um território-rede, visto que muitos dos entrevistados saem de lugares distantes até chegar no ponto final, que é o local da pesquisa, surgindo outras perguntas: Será que de suas residências ou pontos de deslocamentos iniciais até a chegada nos estabelecimentos estas pessoas passam por outros lugares? Existe outros lugares que passam a conectar a residência, a um novo ponto e depois ao local de estudo?

Outro ponto a ser ressaltado, relatado pelos entrevistados, é a necessidade de ampliação dos territórios. Eles chegam a citar pontos fora da área de estudo como o Marco Zero e a Rua da Moeda, os quais possuem um menor peso da comunidade LGBTQIA+, quando comparado ao território do estudo, o que nos leva a concluir que os points em que eles se sentem bem, e a vontade, estão direcionados apenas a uma única área, o que também provoca novos questionamentos: será que não existem outros pontos que são dedicados a comunidade LGBTQIA+, ou que a própria faz uso?

Apesar de haver um ponto de identificação da comunidade LGBTQIA+ com o território estudado, a partir das entrevistas foi relatado a necessidade da ampliação dos estabelecimentos para outras áreas, visto que eles são restringidos apenas a trechos de duas ruas, localizadas no centro do Recife. A maioria dos indivíduos que

responderam o questionário se deslocam de outros bairros e cidades da Região Metropolitana do Recife por não terem estabelecimentos voltados a comunidade LGBTQIA+. Assim, por fim, cabe ao ramo empresarial investir em estabelecimentos em outros locais, tendo em vista o perfil e ponto de origem do público que acessa este território, além de alarmar às instâncias governamentais do Recife a necessidade de um planejamento de segurança pública que contemplem vias de acesso e trânsito desta comunidade aos espaços voltados para o seu entretenimento, tendo em vista que atualmente, ainda, fazem parte uma minoria social, estando sujeitos à violência e/ou outros tipos de perseguições por outros grupos sociais majoritários que venham a acessar este território.

## REFERÊNCIAS

- ALBINO, C. Moralidades e produção da cidade-Notas sobre a sociabilidade urbana de homens com práticas (homo) sexuais em Recife. **Sociabilidades Urbanas**, p. 109 - 118, 2018.
- ARAÚJO, I.; DINIZ, M. **A Tendência e o Fortalecimento do Delivery pós Pandemia**. 2020. Disponível em: <http://repositorio.laboro.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/58>. Acesso em: 12 de janeiro de 2022.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BARRETO, R. C. V. A homossexualidade em foco: discutindo o padrão masculino dominante. **SEMINÁRIO NACIONAL DE CIÊNCIA POLÍTICA DA UFRGS**, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Zahar, 2005.
- BENEDETTI, M. **Toda Feita**: O Corpo e o Gênero dos Travestis. 1.ed. Rio de Janeiro: Garamond Edditora, 2005.
- DA SILVA, S. J. **Quando ser gay era uma novidade**: aspectos da homossexualidade masculina na cidade do Recife na década de 1970. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE, 2011.
- DIAS, L. C. Rede geográfica. **GEOgraphia**, v. 22, n. 49, 2020.
- FREITAS, E.C.; PRODANOV, C. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico- 2. ed. Editora Feevale, 2013.
- GOHN, M. D. G. 500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor. **Revista mediações**. Londrina, Brasil, 2000. Disponível em: [www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/viewFile/9194/7788](http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/viewFile/9194/7788). Acesso em: 14 de dezembro de 2020.
- GOMES, P. C. D. C. **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. 2. ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- GREEN, J. T.; TRINDADE, R.; DA SILVA, J. F. B. **Homossexualismo em São Paulo e Outros Escritos**. São Paulo, SP. Ed. UNESP, 2005.
- HAESBAERT, R. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, 2004.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- HAESBAERT, R. **Viver no limite**: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

- LUCHIARI, M. T. D. P. *et al.* **O lugar no mundo contemporâneo: turismo e urbanização.** Ubatuba-SP. 1999.
- MACRAE, E. **Em defesa do gueto.** Homossexualismo em São Paulo e outros escritos. São Paulo: UNESP, p. 291-308, 2005.
- MAFFESOLI, M. **A contemplação do mundo.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- MINAYO, M. C. Pesquisa social: teoria e método. **Ciência, técnica,** 2002.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** 12.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.
- PINHO, F. A. S. Territórios da (s) cultura(s) gay(s): rupturas ou permanências?. *In: XX Encontro Regional de História da Anpuh-SP, 2010, Franca. Anais do XX Encontro Regional de História,* 2010.
- RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder;** tradução: Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.
- RIBEIRO, E. A. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. **Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais,** Araxá/MG, n. 04, p.129-148, 2008.
- ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- SANTOS, L. F. S. **História do movimento LGBT brasileiro: Interpretações sobre as dinâmicas da interação entre o movimento social e o Estado.** Lavras – MG, 2018.
- SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova.** São Paulo: Hucitec, EDUSP, 1978.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANTOS, M. **O Espaço do Cidadão.** EDUSP, 1998.
- SILVA, T.T. D.; HALL, S.; WOODWARD, H. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ. Vozes, 2000.
- SIMÕES, J. A.; FRANÇA, I. L. **Do gueto ao mercado.** Homossexualismo em São Paulo e outros escritos. São Paulo, Editora Unesp, p. 309-336, 2005.
- SOUZA, L. H. B. L. **Festa no gueto? Memórias e discursos em torno do “mercado GLS” em Recife/PE.** Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2016.
- SOUZA, M. J. L. D. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, v. 353, p. 77-116, 1995.

SOUZA, M. L. Território e (des) territorialização. *In*: SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. cap. 4, p. 77-110.

VICENTE, T. A. S. **Espaço urbano e sexualidade**: a territorialização da população LGBT no Largo do Arouche e na Rua Frei Caneca. Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2015. Disponível em: <http://www.tcc.sc.usp.br/tce/disponiveis/8/8021104/tce-19052017-171128/?&lang=br>. Acesso em: 19 de setembro de 2019.

## APÊNDICE A –QUESTIONÁRIO COM FREQUENTADORES DA RUA DAS NINFAS E AV. MANOEL BORBA

### TERRITORIALIDADE LGBTQIA+ NA RUA DAS NINFAS E AV. MANOEL BORBA – RECIFE, PE.

Prezado (a) colaborador (a), estou realizando uma pesquisa que tem o propósito de analisar a territorialidade LGBTQIA+ em trechos das ruas das Ninfas e Avenida Manoel Borba, tendo por base as relações indenitárias associadas ao uso e apropriação do território. Os dados não serão divulgados e as pessoas ficarão anônimas.

1. E-mail: \_\_\_\_\_
2. Você frequenta ou chegou a frequentar a Rua nas Ninfas e Av. Manoel Borba?  
( ) Sim ( ) Não
3. Você se identifica com esse local?( ) Sim ( ) Não
4. Como você se declara?( ) Homem ( ) Mulher ( ) Outro: \_\_\_\_\_
5. Qual sua idade?  
( ) Entre 18 – 25  
( ) Entre 25 – 30  
( ) Entre 30 – 35  
( ) Entre 35 – 40  
( ) Outra: \_\_\_\_\_
6. Qual sua etnia?  
( ) Branca  
( ) Parda  
( ) Negra  
( ) Indígena  
( ) Outra: \_\_\_\_\_
7. Qual sua identidade de gênero?  
( ) Cisgênero  
( ) Não-Binário  
( ) Transgênero  
( ) Outra: \_\_\_\_\_

8. Qual sua orientação sexual ?

( ) Heterossexual

( ) Homossexual

( ) Bissexual

( ) Panssexual

( ) Assexual

( ) Outra: \_\_\_\_\_

9. Quais são os points dessas ruas que você mais frequenta?

( ) Apenas as ruas (Ninfas e Manoel Borba)

( ) Clube Metrópole

( ) Bár do Céu

( ) PopHouse

( ) Conchittas

( ) Outro: \_\_\_\_\_

10. Em que Cidade/Bairro você reside ? \_\_\_\_\_

**APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM OS FREQUENTADORES – INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO-RECIFE**

**TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE LGBTQIA+ EM TRECHOS DAS RUAS DAS NINFAS E AVENIDA MANOEL BORBA NO BAIRRO DA BOA VISTA- RECIFE**

**Carlos Alberto Alves da Silva Junior**

Prezado (a) colaborador (a), como informei em nossa conversa preliminar, estou realizando uma pesquisa que tem o propósito de **analisar a territorialidade LGBTQIA+ em trechos das ruas das Ninfas e Avenida Manoel Borba, tendo por base as relações indenitárias associadas ao uso e apropriação do território.**

A minha intenção é analisar a construção indenitária e a territorialidade LGBTQIA+ na área em contexto, considerando obstáculos, conflitos territoriais e possíveis avanços. Nesse sentido, a sua participação é de suma importância, pois com sua experiência de vida certamente poderá colaborar neste estudo.

Em se tratando de um trabalho científico, é indispensável que as respostas sejam as mais fidedignas possíveis, não havendo, porém, necessidade de identificação.

Agradeço, desde já, a sua atenção e a sua generosa disposição em colaborar, sem os quais dificultaria este estudo.

Agradecemos antecipadamente.

- 1- Quais os pontos situados nos territórios das ruas das Ninfas e Avenida Manoel Borba, você frequenta? Sua presença nesses ambientes de entretenimento acontece de maneira contínua?
2. De que maneira a Pandemia afetou sua relação com o território? Você chegou a frequentar esse local durante a Pandemia?
3. Atualmente, existe algum lugar que você se sente da mesma forma dos territórios Ninfas e Avenida Manoel Borba, no atual cenário de Pandemia?
- 4- Se você pudesse modificar alguma relação sobre a questão territorial frequentado por essa Comunidade LGBTQIA + o que você modificaria?
5. Como surgiu a motivação para o entretenimento no bairro da Boa Vista especificamente, nas ruas das Ninfas e Av. Manoel Borba? Você reside no bairro e sente seguro nesse ambiente comum ao grupo LGBTQIA+?

**APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO- (TCC) – INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO-RECIFE**  
**TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE LGBTQIA+ NO BAIRRO DA BOA VISTA**

**Carlos Alberto Alves da Silva Júnior**

**Entrevista Semiestruturada com Empresários dos Estabelecimentos de Entretenimento do Público LGBTQIA+**

Prezado (a) colaborador (a), como informei em nossa conversa preliminar, estou realizando uma pesquisa que tem o propósito de **analisar a territorialidade LGBTQIA+ em trechos das ruas das Ninfas e Avenida Manoel Borba, tendo por base as relações indenitárias associadas ao uso e apropriação do território.**

A minha intenção é analisar a construção indenitária e a territorialidade LGBTQIA+ na área em contexto, considerando obstáculos, conflitos territoriais e possíveis avanços. Nesse sentido, a sua participação é de suma importância, pois com sua experiência de vida certamente poderá colaborar neste estudo.

Em se tratando de um trabalho científico, é indispensável que as respostas sejam as mais fidedignas possíveis, não havendo, porém, necessidade de identificação.

Agradeço, desde já, a sua atenção e a sua generosa disposição em colaborar, sem os quais dificultaria este estudo.

Agradecemos antecipadamente.

1- Quais as motivações para empreender no ramo de entretenimento direcionado ao público LGBTQIA+? E por que o bairro da Boa Vista?

2- O que você atribui como critérios ao público LGBTQIA+ se sentir aceito/seguro no seu empreendimento?

3- Como você organiza o seu quadro de funcionários para atender esse público específico? Existem funcionários que pertencem a comunidade LGBTQIA+?

4- Como a pandemia impactou seu estabelecimento comercial, e quais estratégias empreendedoras você adotou para dar continuidade ao segmento do entretenimento?

5- Quais os maiores desafios encontrados por esse segmento para inovar na qualidade dos serviços ao público alvo?

6- Se você pudesse modificar alguma relação sobre a questão territorial frequentado por essa Comunidade LGBTQIA + o que você modificaria? E por quê?

**APÊNDICE D – TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO****Termo de LIVRE Consentimento**

Eu \_\_\_\_\_ concordo em participar, voluntariamente, da pesquisa Território e Territorialidade LGBTQIA+ em trechos das ruas das Ninfas e Avenida Manoel Borba no bairro da Boa Vista – Recife.

Recife, de 2021

---

## **ANEXO 1 – GRUPOS QUE COMPÕEM A COMUNIDADE LGBTQIA+**

### **MANUAL DE COMUNICAÇÃO LGBTQIA+**

#### **Sexualidade**

Refere-se às construções culturais sobre os prazeres e os intercâmbios sociais e corporais que compreendem desde o erotismo, o desejo e o afeto, até noções relativas à saúde, à reprodução, ao uso de tecnologias e ao exercício do poder na sociedade. As definições atuais da sexualidade abarcam, nas ciências sociais, significados, ideias, desejos, sensações, emoções, experiências, condutas, proibições, modelos e fantasias que são configurados de modos diversos em diferentes contextos sociais e períodos históricos. Trata-se, portanto, de um conceito dinâmico que vai evoluindo e que está sujeito a diversos usos, múltiplas e contraditórias interpretações e que se encontra sujeito a debates e a disputas políticas (GÊNERO, 2009).

#### **Gênero**

Conceito formulado nos anos 1970 com profunda influência do movimento feminista. Foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, levando em consideração, no entanto, que a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura. Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não somente decorrência da anatomia de seus corpos (GÊNERO, 2009).

#### **Intersexualidade**

É um termo guarda-chuva que descreve pessoas que nascem com anatomia reprodutiva ou sexual e/ou um padrão de cromossomos que não podem ser classificados como sendo tipicamente masculinos ou femininos (GLAAD, 2016). Ainda são comuns a prescrição de terapia hormonal e a realização de cirurgia, destinadas a adequar aparência e funcionalidade da genitália, muitas vezes antes dos 24 meses de idade. Contudo, algumas pessoas intersexuais submetidas a este processo relatam que não se adaptaram e rejeitaram o sexo designado ao nascimento, respaldando uma conduta terapêutica que defende o adiamento da

intervenção até que a/o jovem sujeito possa participar na tomada da decisão (SANTOS; ARAÚJO, 2004).

## **ORIENTAÇÃO SEXUAL**

### **Assexual**

É um indivíduo que não sente nenhuma atração sexual, seja pelo sexo/gênero oposto ou pelo sexo/gênero igual (vide [www.asexuality.org](http://www.asexuality.org)).

### **Bissexual**

É a pessoa que se relaciona afetiva e sexualmente com pessoas de ambos os sexos/gêneros (GÊNERO, 2009). O termo “Bi” é o diminutivo para se referir a pessoas bissexuais.

### **Gay**

Pessoa do gênero masculino (cis ou trans) que tem desejos, práticas sexuais e/ou relacionamento afetivo-sexual com outras pessoas do gênero masculino. Não precisam ter tido, necessariamente, experiências sexuais com outras pessoas do gênero masculino para se identificarem como gays (GÊNERO, 2009). A palavra “gay” vem do inglês e naquele idioma antigamente significava “alegre”. A mudança do significado para homossexual “remonta aos anos 1930 (...) e se estabeleceu nos anos 1960 como o termo preferido por homossexuais para se autodescreverem. [A palavra] Gay no sentido moderno se refere tipicamente a homens (enquanto que lésbica é termo padrão para mulheres homossexuais)” (OXFORD DICTIONARIES, 2017, tradução nossa).

### **Heterossexual**

Indivíduo atraído amorosa, física e afetivamente por pessoas do sexo/ gênero oposto (adaptado de GÊNERO, 2009). Heterossexuais não precisam, necessariamente, terem tido experiências sexuais com pessoas do outro sexo/gênero para se identificarem como tal.

### **Homossexual**

É a pessoa que se sente atraída sexual, emocional ou afetivamente por pessoas do mesmo sexo/gênero (adaptado de GÊNERO, 2009). Assim, o termo homossexual pode se referir a homossexuais femininas – lésbicas, ou homossexuais masculinos – gays (vide as definições de lésbica e gay nesta seção).

**Lésbica**

Mulher que é atraída afetiva e/ou sexualmente por pessoas do mesmo sexo/gênero (cis ou trans). Não precisam ter tido, necessariamente, experiências sexuais com outras mulheres para se identificarem como lésbicas (GÊNERO, 2009).

**Pansexualidade**

Considera-se que a pansexualidade é uma orientação sexual, assim como a heterossexualidade ou a homossexualidade. O prefixo pan vem do grego e se traduz como “tudo”. Significa que as pessoas pansexuais podem desenvolver atração física, amor e desejo sexual por outras pessoas, independentemente de sua identidade de gênero ou sexo biológico. A pansexualidade é uma orientação que rejeita especificamente a noção de dois gêneros e até de orientação sexual específica (MARSHALL CAVENDISH CORPORATION, 2010).

**IDENTIDADE E EXPRESSÃO DE GÊNERO****Agênero**

Pessoa que não se identifica ou não se sente pertencente a nenhum gênero (CADERNO, 2017).

**Androginia**

Termo genérico usado para descrever qualquer indivíduo que assuma postura social, especialmente a relacionada à vestimenta, comum a ambos os gêneros (BRASIL, 2016a).

**Binarismo de gênero**

Ideia de que só existe macho|fêmea, masculino|feminino, homem|mulher, sendo considerada limitante para as pessoas não-binárias (CADERNO, 2017).

**Cisgênero**

Um termo utilizado por alguns para descrever pessoas que não são transgênero (mulheres trans, travestis e homens trans). “Cis-” é um prefixo em latim que significa “no mesmo lado que” e, portanto, é oposto de “trans-” (GLAAD, 2016). Refere-se ao indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o gênero atribuído ao nascer.

**Gênero fluído (gender-fluid)**

A pessoa que se identifica tanto com o sexo masculino ou feminino. Sente-se homem em determinados dias e mulher em outros (adaptado de <https://www.merriam-webster.com/dictionary/gender-fluid>).

**Transformista**

Indivíduo que se veste com roupas do gênero oposto movido por questões artísticas (ABGLT, 2010).

**Transgênero**

Terminologia utilizada para descrever pessoas que transitam entre os gêneros. São pessoas cuja identidade de gênero transcende as definições convencionais de sexualidade (ABGLT, 2010). Segundo Letícia Lanz (2015), não faz sentido escrever “travestis, transexuais e transgêneros”, ou usar TTT na sigla LGBTI+, uma vez que travestis e transexuais são transgênero por definição. Ou escreva-se travestis e transexuais, ou escreva-se transgêneros, ou, de preferência, pessoas trans.

**Transexual**

Pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento. As pessoas transexuais podem ser homens ou mulheres, que procuram se adequar à identidade de gênero. Algumas pessoas trans recorrem a tratamentos médicos, que vão da terapia hormonal à cirurgia de redesignação sexual. São usadas as expressões homem trans e mulher trans (CADERNO, 2017)

**Travesti**

É a pessoa que nasceu com determinado sexo, ao qual foi atribuído culturalmente o gênero considerado correspondente pela sociedade, mas que passa a se identificar e construir nela mesma o gênero oposto. No caso de pessoas travestis com identidade de gênero feminina, muitas modificam seus corpos por meio de hormonioterapias, aplicações de silicone e/ou cirurgias plásticas, porém, vale ressaltar que isso não é regra para todas. Atualmente, o termo travesti adquiriu um teor político de resignificação de termo historicamente tido como pejorativo. (adaptado de ABGLT, 2010; CADERNO, 2017).

**Queer**

Um adjetivo utilizado por algumas pessoas, em especial pessoas mais jovens, cuja orientação sexual não é exclusivamente heterossexual. De modo geral, para as pessoas que se identificam como queer, os termos lésbica, gay, e bissexual são percebidos como rótulos que restringem a amplitude e a vivência da sexualidade. Quando a letra Q aparece ao final da sigla LGBTI+, geralmente significa queer e, às vezes, questioning (questionamento de gêneros) (GLAAD, 2016).